



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIA HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**ESTABILIDADE E MUDANÇA DOS VALORES HUMANOS: A DUALIDADE
DOS PRINCÍPIOS DE VIDA**

Thiago Medeiros Cavalcanti

João Pessoa/PB



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**ESTABILIDADE E MUDANÇA DOS VALORES HUMANOS: A DUALIDADE
DOS PRINCÍPIOS DE VIDA**

Tese de Doutorado apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Psicologia Social, pelo discente
Thiago Medeiros Cavalcanti, sob
orientação do Professor Doutor
Valdiney Veloso Gouveia, como
requisito parcial para obtenção do
grau de Doutor em Psicologia Social.

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C376m Cavalcanti, Thiago Medeiros.

Mudança e Estabilidade dos Valores Humanos: A dualidade dos princípios de vida / Thiago Medeiros Cavalcanti. -

João Pessoa, 2019.

117 f.

Orientação: Valdiney Gouveia.

Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

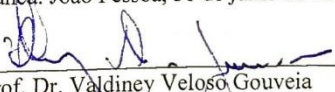
1. valores humanos; mudança; estudo longitudinal. I. Gouveia, Valdiney. II. Título.

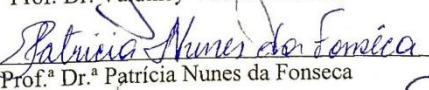
UFPB/CCHLA

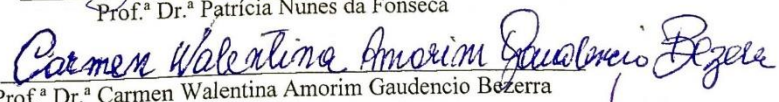


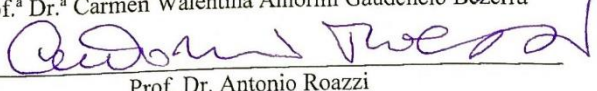
ATA DE DEFESA DE TESE

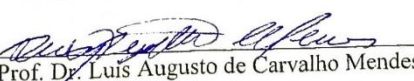
Aos trinta dias do mês de julho de dois mil e dezenove, na Sala Multimídia, no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, reuniram-se em solenidade pública os membros da comissão designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social para o exame de Defesa de Tese do discente **Thiago Medeiros Cavalcanti** (orientando, UFPB, CPF: 054.876.854-44). Foram componentes da banca examinadora os professores: Dr. Valdiney Veloso Gouveia (UFPB, Orientador, CPF: 442.051.554-68), Dr.^a Patrícia Nunes da Fonseca (UFPB, Membro interno, CPF: 675.852.564-34), Dr.^a Carmen Walentina Amorim Gaudencio Bezerra (UFPB, Membro externo ao programa, CPF: 390.133.404-15), Dr. Antonio Roazzi (UFPE, Membro externo à instituição, CPF: 216.325.704-59), Dr. Luis Augusto de Carvalho Mendes (F.M.Nassau, Membro externo à instituição, CPF: 965.798.384-34) e Dr. Walberto Silva dos Santos (UFC, Membro externo à instituição, CPF: 804.685.864-15). Na cerimônia compareceram, além do examinado, alunos de pós-graduação, representantes dos corpos docente e discente da Universidade Federal da Paraíba e interessados em geral. Dando início aos trabalhos, o presidente da banca, Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia, após declarar o objetivo da reunião, apresentou o examinado **Thiago Medeiros Cavalcanti** e, em seguida, concedeu-lhe a palavra para que dissertasse sobre sua tese, intitulada: **“Estabilidade e mudança dos valores humanos: a dualidade dos princípios de vida”**. Passando então ao aludido tema, o candidato foi a seguir arguido pelos examinadores na forma regimental. Ato contínuo, passou a comissão, em secreto, a proceder a avaliação e julgamento do trabalho, concluindo por atribuir-lhe a avaliação **“APROVADO”** na defesa de trabalho de conclusão do curso de Pós-Graduação em Psicologia Social, nível Doutorado. Nada mais havendo a tratar, eu, Silvana Carneiro Maciel, Vice-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UFPB, lavrei a presente ata, que depois de lida e aprovada por todos, assino também como membro da banca. João Pessoa, 30 de julho de 2019.


Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia

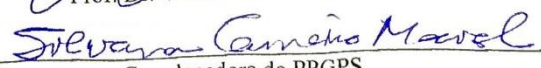

Prof.ª Dr.ª Patrícia Nunes da Fonseca


Prof.ª Dr.ª Carmen Walentina Amorim Gaudencio Bezerra


Prof. Dr. Antonio Roazzi


Prof. Dr. Luis Augusto de Carvalho Mendes


Prof. Dr. Walberto Silva dos Santos


Coordenadora do PPGPS

PPGPS-UFPB
Programa de Pós-Graduação
em Psicologia Social da
Universidade Federal da Paraíba

À minha Família, com profunda
gratidão

São nossas escolhas, Harry, que revelam o que realmente somos, muito mais que as nossas qualidades (J. K. Rowling).

Para terminar nosso estudo resta esclarecer ainda uma última ficção, um engano fundamental. Todas as interpretações, toda psicologia, todas as tentativas de tornas as coisas compreensíveis se fazem por meio de teorias, mitologias, de mentiras; e um autor honesto não deveria furtar-se, no fecho de uma exposição, a dissipar essas mentiras dentro do possível (Hermann Hesse).

AGRADECIMENTOS

A gratidão pode mudar? Essa foi a primeira pergunta que me veio à mente quando comecei a escrever essa seção. Responder a pergunta, é o mesmo que responder: podemos mudar nosso passado? A gratidão transcorre a respeito de tudo o que ocorreu, o que possibilitou a realizar os sonhos, ao amparo e o amor. São tantas pessoas que agradeço por esse processo da minha vida, que almejo possuir a devida atenção para contemplar todos com consideração. Por isso, que aqui, quero abraçar quem tanto me abraçou durante todo esse tempo.

Em todo o percurso a presença de Deus em minha vida foi a maior guarda que obtive, muitas vezes por intermédio de orações de pessoas que intercediam por mim. À Nossa Senhora e ao meu anjo da guarda por tantas proteções imediatas e guiar minhas decisões nos piores momentos de dúvidas. Minha família por muito tempo teve dúvidas da escolha profissional que fiz, mas nunca duvidou mim. Obtive, além de todos os recursos materiais, o amor, e a compreensão por tantos momentos ausentes em casa. À minha mãe, assim como relatei em minha dissertação, nesse trabalho possuí muito do seu suor e amor, obrigado por seu tempo e sua vida que tanto dedicou a mim, por mostrar a educação como um caminho possível. Painho, que constantemente me mostra a importância da simplicidade, mesmo diante da distância, seu amor e carinho é evidente. Com o pouco que sabia, me forneceu tudo aquilo que pôde, mesmo que abdicando para si.

Às minhas irmãs são uma espécie de cúmplices, que me forneceram segurança de estar aqui em João Pessoa. Thalita, sempre protetora, foi a primeira da família a apoiar minha escolha em psicologia, obrigado por todo incentivo e ajuda nos momentos que mais precisei de socorro. Chrystina é um exemplo de dedicação aos estudos e persistência

nos sonhos, proporcionou meios importantes para minha saída de casa. Obrigado minhas irmãs por todo amor.

O professor Valdiney é um mestre que a vida me entregou. Seus ensinamentos, sua ajuda em minha formação e sua influência, cultivaram uma nova forma de ver e agir sobre o mundo. Aprendi sobretudo, que professor não se limita aos conteúdos didáticos, mas por acreditar que seus alunos são capazes de transformar a própria realidade de vida. Mais recentemente descobri que nossos mestres não estão isentos de defeitos, mas com humildade, apresenta-los também é uma forma de instrução. Obrigado professor por tanta dedicação e empenho, pela paciência com alguém tão insistente, por todas as oportunidades fornecidas, pela generosidade, e principalmente, por me ensinar a importância da confiança.

O núcleo (BNCS) foi o local onde cresci depois que sai de casa, encontrei um segundo lar. Para alguém que possui dificuldades em fazer amigos, achei um ambiente onde construí importantes amizades. Obtive apoio, amor e compartilhei de muitas felicidades e dificuldades com meus companheiros que trilham a mesma estrada de formação. Não quero cair no erro de falhar pela memória, pois todos aqueles que convivi (até mesmo os mais distantes) serviram de exemplo em algum momento. Mas quero deixar aqui registrado algumas pessoas que foram fundamentais nesses anos de doutorado, com muito amor, agradeço à: Ana Karla, Renan Pereira, Alessandro, Maria Gabriela, Olindina, Barbara, Aline, Gabriel Lins, Flávia e Diego.

À Lumara, amiga querida, fiel confidente, me escutou em momentos de felicidades e grandes angústias. Esteve ao meu lado em situações decisivas da minha vida, mesmo ficando distante durante algum tempo nesse período, sabia do nosso laço, obrigado por tudo. À Mariana, tenho muito orgulho de nossa amizade, ao longo desse processo de doutorado você comemorava comigo as mais pequenas conquistas. À Junior,

que compartilhava as maiores gargalhadas, aprendi muito com seus conselhos, por mais diretos que ele sejam.

Preciso deixar registrado a generosidade que recebi na época que fiz meu primeiro concurso público. Em Cuiabá, fiz amigos muito preciosos, que não me conheciam, mas me trataram como filho. Obrigado de todo coração, Lui, Vania e Mirian, o que fizeram por mim foi surpreendente, nunca irei esquecer o acolhimento.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de doutorado concedida. Meio que almejo permanecer para outros jovens que ainda acreditam na educação como forma de transformação.

ESTABILIDADE E MUDANÇA DOS VALORES HUMANOS: A DUALIDADE DOS PRINCÍPIOS DE VIDA

Resumo. A presente tese objetivou contribuir para o entendimento das modificações que ocorrem com os valores humanos em nível teórico e empírico. A estabilidade e mudança é uma temática à muito investigada. Entretanto, apenas recentemente uma atenção maior vêm sendo despendida para os fatores que proporcionam as alterações e em quais condições ocorre. Neste sentido, de maneira geral, entende-se os valores humanos como princípios-guia do comportamento e que representa cognitivamente as necessidades humanas, assim possui influência sobre o indivíduo de forma transituacional. Esquemáticamente a tese é formada por três artigos. O primeiro trata dos 100 anos de pesquisa da variável, é uma revisão histórica mostrando a evolução conceitual e empírica, discutindo sobre o seu passado, presente e futuro. O segundo artigo possui natureza meta-analítica, visa avaliar os estudos longitudinais de valores humanos nos últimos 10 anos. Para tanto, inicialmente realizou uma revisão sistemática considerando a base de dados *PsychINFO*, chegando a um número final de 4 artigos e 7 estudos com 1952 participantes de 6 países diferentes. Na etapa seguinte processou a meta-análise por meio do software *Comprehensive Meta-Analysis*. Os resultados indicam elevada heterogeneidade para os dez tipos motivacionais, constatado pelo gráfico de funil, o valor Q ($p < 0,001$) e o índice I^2 . Os efeitos apontam para alta estabilidade dos valores, com valor médio do r da meta-análise de 0,64. O terceiro é um estudo empírico de caráter longitudinal realizado ao longo de vinte e sete meses. Participaram 214 estudantes universitários (63,4% do sexo feminino), com média de idade de 20,26 anos ($DP = 4,67$), de todos os cursos diurnos do campus I da Universidade Federal da Paraíba. Uma hipótese foi testada: *plasticidade*, isto é, os valores humanos mudam ao longo do tempo, mas sua estrutura permanece inalterada. O coeficiente de estabilidade permitiu entender que essa característica é a mais saliente nos valores. Todavia, testando modelos lineares e curvilíneos na *Latent Growth Curve Model* verificou mudanças nas subunções normativa ($slope = -0,05$; $p < 0,05$), experimentação ($slope = 0,10$; $p < 0,001$) e realização ($slope = -0,07$; $p < 0,001$), compreendendo que o construto possui algum grau de alteração. Em seguida examinou a estrutura nos tempos de mensuração pelo Escalonamento Multidimensional, e depois comparando seus índices na Análise Procrustes Generalizada, os resultados permitiram concluir que sua composição permanece inalterada com o tempo. Confia assim que a hipótese de estudo foi corroborada. Estima-se que a tese represente um arcabouço da temática, mostrando evidências empíricas e teóricas que permitem entender as modificações que ocorrem com o construto ao longo do ciclo vital.

Palavras-chave: valores humanos; mudança; estudo longitudinal

STABILITY AND CHANGE OF HUMAN VALUES: THE DUALITY OF THE PRINCIPLES OF LIFE

Abstract. The present thesis aimed to contribute to the understanding of the changes that occur with human values at the theoretical and empirical level. Stability and change is a subject of much researched. However, only recently has greater attention been paid to the factors that provide the changes and under what conditions. In this sense, in general, human values are understood as guiding principles of behavior and that cognitively represents human needs, thus influencing the individual in a trans-national way. Schematically the thesis consists of three articles. The first, which deals with the 100 years of research on the variable, is a historical review showing the conceptual and empirical evolution, discussing its past, present and future. The second article has a meta-analytical nature, aims to evaluate the longitudinal studies of human values in the last 10 years. To do so, initially performed a systematic review considering the PsychINFO database, reaching a final number of 4 articles and 7 studies with 1952 participants from 6 different countries. In the next step he processed the meta-analysis through Comprehensive Meta-Analysis software. The results indicate high heterogeneity for the ten motivational types, as verified by the funnel graph, the Q value ($p < 0.001$) and the I^2 index. The effects point to high stability of the values, with a mean value of r of the meta-analysis of 0.64. The third is an empirical longitudinal study conducted over twenty-seven months. A total of 214 university students (63.4% female), with a mean age of 20.26 years ($SD = 4.67$), were enrolled in all diurnal courses at the I campus of the Federal University of Paraíba. One hypothesis has been tested: *plasticity*, that is, human values change over time, but their structure remains unchanged. The stability coefficient allowed us to understand that this characteristic is the most salient in the values. However, testing linear and curvilinear models in the Latent Growth Curve Model verified changes in the normative ($slope = -0,05$; $p < 0,05$), excitement ($slope = 0,10$; $p < 0,001$) and promotion ($slope = -0,07$; $p < 0,001$) values, understanding that the construct has some degree of change. Then examined the structure of the measurement time by scheduling Multidimensional, and then comparing their contents in Generalized Procrustes Analysis, the results showed that the composition remains unchanged with time. We trusts that the hypothesis of study was corroborated. It is estimated that the thesis represents a framework of the thematic, showing empirical and theoretical evidences that allow to understand the modifications that occur with the construct throughout the life cycle.

Keywords: human values; change; longitudinal study

ESTABILIDAD Y CAMBIO DE LOS VALORES HUMANOS: LA DUALIDAD DE LOS PRINCIPIOS DE LA VIDA

Resumen. La presente tesis objetivó contribuir al entendimiento de las modificaciones que ocurren con los valores humanos a nivel teórico y empírico. La estabilidad y el cambio es una temática a la muy investigada. Sin embargo, sólo recientemente una atención mayor se está gastando en los factores que proporcionan los cambios y en qué condiciones se produce. En este sentido, de manera general, se entiende los valores humanos como principios guía del comportamiento y que representa cognitivamente las necesidades humanas, así tiene influencia sobre el individuo de forma transituacional. La tesis está formada por tres artículos. El primero trata de los 100 años de investigación de la variable, es una revisión histórica mostrando la evolución conceptual y empírica, discutiendo sobre su pasado, presente y futuro. El segundo artículo tiene una naturaleza meta-analítica, pretende evaluar los estudios longitudinales de valores humanos en los últimos 10 años. Para ello, inicialmente realizó una revisión sistemática considerando la base de datos PsychINFO, alcanzando un número final de 4 artículos y 7 estudios con 1952 participantes de 6 países diferentes. En el siguiente paso, procesó el metanálisis a través del software de metanálisis integral. Los resultados indican una alta heterogeneidad para los diez tipos motivacionales, según lo verificado por el gráfico de embudo, el valor Q ($p < 0,001$) y el índice I^2 . Los efectos apuntan a una alta estabilidad de los valores, con un valor medio de r del metanálisis de 0,64. El tercer es un estudio empírico de carácter longitudinal realizado a lo largo de veintisiete meses. En el caso de los estudiantes de la Universidad Federal de Paraíba, en la Universidad Federal de Paraíba participaron 214 estudiantes universitarios (63,4% del sexo femenino), con una media de edad de 20,26 años ($DP = 4,67$), de todos los cursos diurnos del campus I de la Universidad Federal de Paraíba. Una hipótesis fue probada: plasticidad, es decir, los valores humanos cambian a lo largo del tiempo, pero su estructura permanece inalterada. El coeficiente de estabilidad permitió entender que esta característica es la más sobresaliente en los valores. Sin embargo, probando modelos lineales y curvilíneos en el Latent Growth Curve Model verificó cambios en las subunciones normativas ($slope = -0,05$; $p < 0,05$), experimentación ($slope = 0,10$; $p < 0,001$) y realización ($slope = -0,07$; $p < 0,001$), comprendiendo que el constructo posee algún grado de alteración. En seguida examinó la estructura en los tiempos de medición por el Escalamiento Multidimensional, y luego comparando sus índices en el Análisis Procrustes Generalizada, los resultados permitieron concluir que su composición permanece inalterada con el tiempo. Confía en que la hipótesis de estudio fue corroborada. Se estima que la tesis represente un marco de la temática, mostrando evidencias empíricas y teóricas que permiten entender las modificaciones que ocurren con el constructo a lo largo del ciclo vital.

Palabras clave: valores humanos; cambiar; estudio longitudinal

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	17
ARTIGO 1.....	23
Introdução.....	26
Passado: Princípios do desejável e categorias de orientação.....	26
Presente: A perspectiva motivacional no estudo dos valores	31
Futuro: Bases biológicas e neurológica do estudo dos valores	41
Conclusão	45
Referências	46
ARTIGO 2.....	55
Introdução.....	58
Estabilidade e mudanças dos valores humanos.....	59
Teoria de Schwartz	60
O presente estudo.....	62
Método.....	62
<i>Seleção dos estudos.....</i>	<i>62</i>
<i>Análise dos dados</i>	<i>64</i>
Resultados	64
Discussão	68
Referências	70
ARTIGO 3.....	78
Introdução	81
<i>Desenvolvimento humano: adulto emergente</i>	<i>82</i>
<i>Valores humanos.....</i>	<i>84</i>
Método.....	87
<i>Participantes.....</i>	<i>87</i>
<i>Procedimento</i>	<i>88</i>
<i>Análise de dados</i>	<i>89</i>
<i>Estatísticas descritivas</i>	<i>89</i>
<i>Estabilidade da ordem de classificação</i>	<i>89</i>
<i>Estabilidade em nível médio.....</i>	<i>89</i>
<i>Estabilidade da estrutura</i>	<i>90</i>
Resultados	91
<i>Estatísticas descritivas</i>	<i>91</i>
<i>Estabilidade da ordem de classificação</i>	<i>92</i>

<i>Estabilidade em nível médio</i>	93
<i>Estabilidade da estrutura</i>	98
Discussão	99
<i>Hipótese de plasticidade</i>	100
<i>Limitações</i>	103
<i>Direções futuras</i>	103
Referências	105
ANEXO	112

LISTA DE TABELAS

Artigo 2 - Uma década dos estudos longitudinais em valores humanos: revisão meta-analítica

Tabela 1. Características gerais dos artigos analisados..... 63

Artigo 3 - Avaliando as mudanças dos valores humanos longitudinalmente: testando a hipótese de plasticidade

Tabela 1. Fases com maior prioridade e características do desenvolvimento das subfunções 86

Tabela 2. Média das subfunções nos quatro tempos e o tamanho do efeito 92

Tabela 3. Correlações das subfunções nos quatro tempos 93

Tabela 4. Índices de ajuste da invariância configural, métrica e escalar nas subfunções 94

Tabela 5. Índices de ajuste dos modelos linear, quadrático e o de curva não especificada 95

Tabela 6. Média dos interceptos e slopes..... 96

Tabela 7. Análise Procrustes (GPA) para comparar estruturas nos quatro tempos 99

LISTA DE FIGURAS

Artigo 1 – Um século de estudo: o estado da arte dos valores humanos

Figura 1. Linha histórica dos teóricos dos valores humanos.....38

Artigo 2 - Uma década dos estudos longitudinais em valores humanos: revisão meta-analítica

Figura 1. Estrutura circular da hipótese de compatibilidade e conflito de Schwartz.....53

Figura 2. Gráfico de funil para os dez tipos motivacionais.....59

Artigo 3 - Avaliando as mudanças de valores humanos longitudinalmente: testando a hipótese de plasticidade

Figura 1. Dimensões, funções e subfunções dos valores básicos 85

Figura 2. Gráficos dos slopes das seis subfunções 97

Figura 3. MDS do Tempo 1..... 98

APRESENTAÇÃO

Mudar os valores humanos seria um grande feito científico no final da década de 1960 e início de 1970 – na verdade, até hoje, conseguir intencionalmente tal modificação seria uma grande descoberta. Em meio a questionamentos, quebra de tradições, normas e movimentos sociais que marcaram esses anos, Milton Rokeach finaliza seus estudos em psicologia. Durante meses, ele e Daniel McLellan testavam experimentos para associar os valores e a real participação em ações a favor dos direitos civis (Rokeach & McLellan 1972), o objetivo era aumentar a prioridade dos alunos em valores de igualdade e liberdade por intermédio da técnica de autoconfrontação (Sanderson & McQuilkin, 2017).

A principal ideia é que as mudanças ocorrem devido a experiência de um estado de inconsistência entre os valores que os indivíduos priorizam e os comportamentos que surgem a partir de novas informações, ou quando a hierarquia dos valores não está coerente com o que as pessoas acreditam sobre si (Rokeach, 1968). Nesse sentido, o estado de contradição leva o indivíduo a buscar a estabilidade a partir da modificação de seus valores.

Rokeach não criou somente uma teoria de valores, mas principalmente sobre crenças. Aqueles seriam o componente que permitiria a manipulação de todo o sistema (Grube, Mayton, & Ball-Rokeach, 1994). Sua preocupação com a estabilidade e mudança de valores esteve presente em suas principais obras: em *The Nature of Human Values* (1973) pelo menos seis capítulos se dedicam a questão, em *Understanding Human Values* (1979) são sete. O autor, considerado o pai dos valores humanos (Gouveia, 2013), certamente estudou as mudanças contemplando diversas linhas, a exemplo das diferenças entre sexo e idade (Ryff, 1979) o uso da mídia (Sanders & Atwood, 1979) do computador e o desenvolvimento na sociedade ao longo do tempo (Rokeach, 1975).

Apesar do seu esforço, reconhece dificuldades inerentes as mudanças de valores, defendendo que *são relativamente estáveis* (Rokeach, 1973; p.11). Certamente sua linha

de pensamento permaneceu em grande medida nas teorias em psicologia que tratam do mesmo construto. Schwartz, por exemplo, sugere que as pessoas podem ajustar seus valores para se adequarem as oportunidades no ambiente, defendendo que essa mudança é mais fácil que ocorra em indivíduos jovens (Bardi, Lee, Hofmann-Towfigh, & Soutar, 2009). Gouveia reconhece essa perspectiva, mas argumenta que as mudanças estão atreladas ao próprio desenvolvimento humano e que em todas as fases do ciclo vital pode encontrar alterações (Gouveia, Vione, Milfont, & Fischer, 2015).

A maior proposta de Rokeach, no entanto, ainda carece de comprovação. Apesar de vários experimentos usarem a técnica de autoconfrontação para modificar valores, atitudes e comportamento (Schwartz & Inbar Saban, 1988; Chernoff & Davison, 1999; Plant, & Buswell, 2000) seu uso é pouco recorrente na atualidade, ainda não alcançando a clínica como era seu intuito. Mas há tentativas de mudança de forma intencional, experimentalmente o *priming* é o meio utilizado com maior frequência (Bardi & Goodwin, 2011; Maio, Pakizesh, Cheung, & Rees, 2009).

Na literatura é possível encontrar formas que atuam como moderadores das mudanças de valores (Bardi & Goodwin, 2011). O primeiro deles, como já mencionado, é o *priming*, que pode ocorrer a partir da ativação de características culturais (Hong, Morris, Chiu, and Benet-Martínez, 2000), ou individuais (Maio, Karremans, Leygue, Gebauer, & Webb, 2008). O segundo é *adaptação*, significando que novas situações da vida podem promover alterações que repercutem nos valores (Rohan, 2000).

A *identificação* é outro importante moderador devido a influência que pode causar, a entrada em um novo grupo (e.g. trabalho e morar em outro país), faz com que o indivíduo identifique-se com valores priorizados por este novo meio social e acabe modificando seu padrão (Bardi, Buchanan, Goodwin, Slabu, & Robinson, 2014). O quarto é a *manutenção da consistência*, refere a ideia de Rokeach (1973), no qual as

peessoas são motivadas a resolver inconsistências no autoconceito, em parte transformando os seus valores. Por fim, a *persuasão*, estratégia que pode trazer efeitos interessantes na manipulação intencional, ocorrendo por meio da mídia e programas de educação (Chatard & Selimbegovic, 2007).

Esses fatores são elucidativos para a compreensão do fenômeno, contudo, não inclui todo o espectro de possibilidades. A idade, isto é, a fase do desenvolvimento que o indivíduo se encontra, é indicador que determina qual valor é priorizado. A adolescência foi considerada a fase em que as alterações são mais acentuadas (Bardi & Schwartz, 1996), devido as transições cognitivas, biológicas e sociais. Nos adultos existe a hipótese da cristalização (Bardi & Goodwin, 2011), mas pesquisas recentes conseguiram identificar rotas de mudança neste período da vida (Gouveia et al., 2015).

Comumente a idade é considerada como fator de mudança dos valores devido a utilidade de adaptação às diferentes circunstâncias da vida que, por sua vez, são típicas em cada fase do desenvolvimento (Schwartz, 2005). Nesse sentido as implicações cognitivas e biológicas são em grande medida negligenciada nos estudos. Devido ao maior nível de estabilidade do construto, as pesquisas geralmente partem de grandes períodos de tempos de comparação (Bardi, Lee, Hofmann-Towfigh, & Soutar, 2009), não mensurando o desenvolvimento em curtos espaços.

Para avaliar a mudança e estabilidade de valores existem quatro formas fundamentais. A primeira é a estabilidade na ordem, a mais frequente nos estudos, visa verificar a constância em dois pontos no tempo por intermédio de correlação, caracteriza-se então como um teste-reteste. A segunda é média do nível de mudança, examina com o uso de técnicas estatísticas os pontos de variação ao longo tempo e sua trajetória, assim, é mais comum que ocorra em estudos com desenho longitudinal (Vecchione, Schwartz, Alessandri, Döring, Castellani, & Caprara, 2016)

A terceira avalia a ordem de priorização em cada indivíduo. O perfil valorativo é investigado nesta perspectiva, isto é, a hierarquia de importância de cada valor para o indivíduo. Apesar de ser escasso o método de investigação, este é utilizado principalmente em pesquisas de coorte transversal. Por último, são os exames dos padrões de mudança intraindividual, no caso, o objetivo é investigar se a estrutura possui modificações na mesma direção que os valores (Bardi et al., 2009). O escalonamento multidimensional é análise usada para verificar esse procedimento.

Os valores se desenvolvem como um produto do conjunto de necessidades, traços, temperamento, cultura, socialização e experiências pessoais (Soares, 2015; Calogero, Bardi e Sutton, 2009; Roccas, Sagiv, Schwartz e Knafo, 2002; Verkasalo, Goodwin e Bezmenova, 2006). Pensar em sua mudança não é um ato voluntário, mas um processo natural do desenvolvimento. Quais são seus princípios de vida? Não é uma pergunta que estamos habituados a refletir, mesmo que influencie em nosso comportamento. Por isso, investigar a estabilidade e mudança de valores é um dos maiores desafios para os estudiosos da área.

Visando contribuir com tal perspectiva, a presente tese faz uma apreciação das teorias dos valores humanos e estudos empíricos. Especificamente, em termos formais, além desta apresentação, a obra divide-se em três artigos. O primeiro, de caráter teórico, discute os 100 anos de pesquisas sobre o fenômeno e para realizar uma revisão mais profunda abordou o passado, presente e futuro da área, em uma tentativa de mostrar a evolução cronológica e seu estado da arte.

O segundo artigo é uma meta-análise dos estudos de mudanças de valores. Sua importância é fundamental para a compreensão dos resultados que os pesquisadores atingiram até o momento. Neste sentido, procedeu com uma revisão sistemática para realizar a seleção das publicações que vão entrar na análise, totalizando 4 artigos e 7

estudos com 1952 participantes. Posteriormente seguiu com a meta-análise propriamente dita, que destacou heterogeneidade dos dados e elevada estabilidade do construto.

O terceiro artigo trata de um estudo empírico de mudança de valores em jovens adultos, com um desenho longitudinal. Com duração de 30 meses, possuindo intervalo médio de 6 meses entre os tempos, acompanhou 214 indivíduos almejando observar como seus princípios mudam. Esse é o primeiro estudo longitudinal de valores humanos com amostra de brasileiros. Embora reconheça as limitações inerentes, confia-se que a hipótese de pesquisa, denominada de *plasticidade*, foi corroborada.

Entende-se dessa forma que a tese cumpriu com seus objetivos propostos. Os dados aqui discutidos, até onde tenho acesso, são inéditos em muitos sentidos. Primeiro, efetuou a primeira meta-análise considerando estudos de natureza longitudinal com os valores humanos. Segundo, é a primeira vez que dados com os valores humanos são caracterizados ao longo tempo para os mesmos participantes com amostra de brasileiros. Terceiro, com a *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos* só existia anteriormente estudos de caráter original, sendo original uma pesquisa longitudinal. Além disso, alguns conceitos foram desenvolvidos, como a dualidade valorativa, a hipótese de plasticidade e as micro mudanças dos valores humanos.

Um século de estudo: o estado da arte dos valores humanos

A century of study: the state of the art of human values

Un siglo de estudio: el estado del arte de los valores humanos

Estado da arte dos valores humanos

State of the Art of Human Values

Estado del arte de los valores humanos

Thiago Medeiros Cavalcanti

Valdiney Veloso Gouveia

Universidade Federal da Paraíba

Resumo. O estudo dos valores humanos é jovem dentro do campo da ciência. O conceito foi sendo modificado de acordo com as diversas teorias. O desenvolvimento das investigações mostra o maior poder explicativo e sua importância para entender os diversos fenômenos sociopsicológicos. O objetivo do artigo é traçar a evolução dos estudos sobre os valores humanos na psicologia, fornecendo seu estado da arte, a partir do marco do seu centenário. Três partes principais foram delineadas para atingir a meta proposta. A primeira diz respeito ao passado, isto é, as tentativas iniciais mais sistemáticas de compreensão dos valores, no qual fornece as bases teóricas que até hoje influencia os estudiosos. A segunda é o presente, relata o estado da arte, indicando as áreas de predomínio das pesquisas e quais as teorias são usadas com maior frequência. A última é o futuro, elabora uma agenda que visa estimar por onde vai caminhar os próximos cem anos de pesquisas. Confia-se que o artigo realiza uma síntese dos principais pressupostos dos valores humanos.

Palavras-chave: valores humanos, estado da arte, teoria

Abstract. The study of human values is young in the field of science. The concept was modified according to the several existing theories. The development of the investigations shows the greater explanatory power and its importance to understand the diverse sociopsychological phenomena. The aim of the article is to trace the evolution of studies on human values in psychology by providing its state of the art, from the milestone of its centenary. Three main parts were outlined to achieve the proposed goal. The first relates to the past, that is, the more systematic initial attempts at understanding values, in which it provides the theoretical foundations that even today influence scholars. The second is the present, reports the state of the art, indicating the areas of research predominance and which theories are used more frequently. The last is the future, it draws up an agenda that aims to estimate where the next hundred years of research will go. We trust that the article provides a summary of the main assumptions of human values.

Keywords: human values, state of the art, theory

Introdução

Os valores são profundos e difíceis exatamente porque fazem as duas coisas ao mesmo tempo: eles juntam os homens em sociedades e ainda preserva a liberdade que os torna únicos
(Jacob Bronowski).

As bases conceituais dos valores humanos são antigas, pautando-se em diversas áreas do conhecimento (Smith, 1863; Small & Vicent, 1894; Sumner, 1906). Porém, a primeira tentativa de estudá-los empiricamente e sistematicamente teve lugar há exato um século, descrita na obra *The Polish Peasant in Europe and America* (Thomas & Znaniecki, 1918). Procurando celebrar este evento que pode ser considerado um marco no estudo dos valores, decidiu-se escrever o presente texto. Procura-se, em linhas gerais, traçar as linhas principais que guiaram as pesquisas sobre os valores humanos na psicologia, realizando um esforço por pensar acerca do que se poderá esperar para os próximos anos. Com um foco cronológico, este texto se divide em três fases: *passado*, apresentando as primeiras publicações na área, identificando as principais discussões e suas repercussões; *presente*, considerando as teorias que têm reunido evidências no cenário internacional; e *futuro*, mapeando áreas e desafios que possam contribuir para esta área de estudo.

Passado: Princípios do desejável e categorias de orientação

Em sua definição inicial, os valores humanos foram compreendidos como “qualquer dado que tenha um conteúdo empírico acessível aos membros de um grupo social e um significado que possa ser objeto atitudinal” (Thomas & Znaniecki, 1918, p.21). Depreende-se deste conceito que qualquer criação humana tem um componente valorativo, como podem ser uma poesia, um instrumento de trabalho ou um jogo, por exemplo. Deste modo, tinha-se uma visão generalista acerca dos valores, que se procurou operacionalizar a partir das atitudes (e.g., atitudes sociais, atitudes morais), o que,

provavelmente, retardou o seu reconhecimento como um construto legítimo, estando por vezes atrelados às atitudes, como refletido em alguns manuais (Myers, 2014; Rodrigues, Assmar, & Jablonski, 2012).

É importante não perder de vista o objetivo de Thomas e Znaniecki em seu estudo. Pretendiam estes autores conhecer questões não respondidas até então no campo social (e.g. imigração, assimilação cultural, prejuízo racial). Com esta finalidade, tiveram em conta os conceitos de valores e atitudes como marcos que poderiam contribuir com suas explicações. Contudo, enquanto os valores eram compreendidos como uma representação de elementos culturais na vida cotidiana, as atitudes foram vistas como características subjetivas dos membros de uma cultura. Desta forma, valores e atitudes estavam atrelados para dar sentido as experiências das pessoas de determinada cultura, como a dos camponeses poloneses.

O conceito de valores como representações de artefatos humanos não prosperou. Porém, parece ter se difundido em meio popular, de modo que muitos ainda falam em objetos e instituições como valores (e.g., dinheiro, casa, carro, igreja, família). Diferentemente, os estudos tomaram outra direção; sobretudo a partir de Kluckhohn (1951), entendeu-se que os valores seriam princípios do desejável, constituindo-se em um conceito abstrato, não exatamente se referindo a um objeto concreto. Contudo, os argumentos a respeito já podem ser vistos duas décadas antes no trabalho de Spranger (1928) sobre os seis tipos de perfis de homem; entendia-se que os valores caracterizariam as pessoas, que difeririam em termos de apresentá-los em menor ou maior medida, algo que deu origem também a ideia de tipos de valores, dimensões valorativas ou princípios desejáveis (Bilsky, 2009; Soares, 2015).

O mapeamento dos perfis de homem serviu de base para levar a uma primeira tentativa de medir os valores humanos (Allport, Vernon, & Lindzey, 1931), porém

atrelando-os à personalidade. *O estudo dos valores*, título do livro destes autores, surgiu da convicção de que uma base teórica bem formulada de personalidade é pré-requisito para uma compreensão dos valores (Vernon & Allport, 1931). Neste sentido, os valores foram compreendidos como funções amplas da personalidade, comum a todos os homens, servindo de base teórica para o instrumento que teve lugar: *A Test for Personal Values*. A propósito, Allport e seus colegas criticavam as medidas psicológicas de sua época, indicando que estas eram orientadas com base em critérios meramente estatísticos, não com a finalidade de resolução de problemas.

Apesar dessa incursão que relacionou os valores e a personalidade, não houve qualquer consequência posterior, sendo o próprio Allport (1937) um dos responsáveis por esta falta de continuidade, focando mais no estudo da personalidade e deixando de lado a questão dos valores (Parks & Guay, 2009). Além disso, a publicação de Parsons e Shils (1951), um marco para o estudo dos valores, não trouxe proposições mais profundas a respeito da relação entre esses dois construtos. Reunindo sociólogos (Shils, Stouffer e Parsons), antropólogos (Kluckhohn e Sheldon) e psicólogos (Tolman, Murray, Sears e Allport), esta obra procurou propor uma teoria geral da conduta humana, não se limitando aos valores. Contudo, ofereceu ao menos três contribuições à temática: (1) Kluckhohn (1951) conferiu caráter motivacional aos valores humanos, tratando-os como princípios do desejável, admitindo que sua expressão também poderia ser implícita, destacou ainda serem estes fundamentais para a vida social, garantindo um ajustamento que pode levar a perfeição quando são institucionalizados; (2) podem estar organizados de maneira estrutural (Parsons & Shils, 1951); e (3) possuem uma função de orientação do comportamento, conectando sociedade e indivíduos por um sistema (Parsons, 1951).

Embora sociólogo, Parsons apresentou proposições teóricas que influenciaram diversos psicólogos dedicados ao estudo dos valores humanos. Por exemplo, a ideia de

ação motivada, isto é, o comportamento possui lugar sempre que pretende atingir uma meta, concepção que tem influenciado autores contemporâneos (Gouveia, 2013; Schwartz, 1992). Parsons argumenta que os seres humanos desenvolviam acordos normativos parcimoniosos para a manutenção da ordem social, que seriam resistentes à mudança (evolução, no sentido darwiniano); o mais importante dos acordos foi nomeado como crenças morais as quais as pessoas recorrem a fim de justificar as razões finais de sua ação. A propósito, ele ainda pensava que os valores exerciam poder na vida social em função dessa conotação moral, possibilitando distinguir o bom do ruim, ademais pela possibilidade de serem transmitidos às gerações futuras (Parsons, Shils, & Bales, 1953).

Os valores orientam o indivíduo para aderir a certas normas. Portanto, são compromissos com critérios de orientação normativos, do qual podem ser de três tipos: *cognitivos*, *avaliativos* e de *responsabilidade pessoal* (Medeiros, 2011). As consequências das ações podem estar voltadas à pessoa que age ou ao sistema social. Considerando este último elemento, existe ainda mais três orientadores: (1) o fim da ação pode ser para o *indivíduo* ou a *coletividade*; (2) a ação é considerada importante diante da posição social do ator (*adscrito*) ou sua utilidade (*adquirido*); e (3) a ação é aplicável a todas as pessoas (*universalista*) ou a pessoas e grupos específicos (*particularista*) (Ros, 2006).

Neste marco, entende-se que os valores são conceitos abstratos, agindo como elemento referencial para a ação, configurando-se como uma meta desejável. As normas, no entanto, indicariam o que fazer ou não, quando e como realizar determinada ação (Parsons, 1961). Neste sentido, a concepção de Parsons acerca dos valores diferente daquela apresentada por Thomas e Znaniecki (1918), estando mais próxima do que Kluckhohn (1951) entende a respeito. Apreciam-se, entre autores prévios (Thomas-Znaniecki, Spranger, Allport, Kluckhohn, Parsons), contribuições importantes no sentido

de configurar o que se entende por valores humanos. Porém, então as abordagens eram mais teóricas e especulativas, ainda que com alguma tentativa de medir os valores, mas atrelando-os às atitudes ou aos traços de personalidade, por vezes carecendo de evidências empíricas (Cavalcanti, 2016; Gouveia, 1998).

A escassez de pesquisas para corroborar as conjecturas realizadas então foi suprida por Milton Rokeach em seu livro clássico *The Nature of Human Values*, onde ele oferece ao menos cinco contribuições relevantes (Rokeach, 1973): (1) apresenta uma revisão sistemática das pesquisas esporádicas realizadas até então; (2) oferece a diferenciação do conceito de valores de outros construtos com os quais costumam ser confundidos (e.g., atitudes, interesses, normas, traços de personalidade); (3) apresenta o primeiro instrumento específico para medir os valores; (4) conceitua os valores e sistema valorativo de forma clara e integrativa, embora focada nas dimensões de valores instrumentais e terminais; e (5) introduz a temática de mudança de valores, oferecendo, inclusive, um método para promovê-la (autoconfrontação). Estas contribuições foram frutos de seus estudos sobre o tema, principalmente, nos anos 1960, que inicialmente ganharam destaque em revistas mais genéricas de ciências humanas e sociais, incluindo religião (e.g., *Journal of Social Issues*, *Public Opinion Quarterly*, *Review of Religious Research*), porém ele chegou a publicar também na *Science*. De fato, foi responsável por colocar a temática dos valores humanos em destaque na Psicologia a partir dos anos 1970.

Segundo Rokeach (1973), os valores possuem papel central no sistema cognitivo dos indivíduos, possibilitando a explicação de atitudes, crenças e comportamentos, ao mesmo tempo em que favorece a compreensão da organização de grupos e sociedades. Colocando de outro modo, “os valores são um conceito tanto sociológico como psicológico” (Rokeach, 1979, p. 50). Conceitualmente, entendia os valores como

prioridades que guiariam os indivíduos, representando crenças prescritivas e poscritivas fortes, capazes de perdurar ao longo do tempo, influenciando comportamentos ou estados últimos de existência, sendo preferíveis em comparação a outros modos comportamentais ou outros estados finais de existência. Embora generalista, nesta definição Rokeach procurou sistematizar várias concepções de valores de distintas áreas de estudo; porém, essa definição pode ser fracionada em quatro elementos: (1) são crenças que dizem o que é ou não adequado (classificando em prescritivas e poscritivas); (2) são organizadas hierarquicamente em sentido de importância; (3) são estáveis, sendo internalizados por meio da socialização; e (4) se referem a um modo de conduta ou estado final da existência (Ros, 2006).

Por fim, Rokeach condensou os ensaios prévios e potencializou os estudos acerca dos valores humanos, oferecendo um instrumento de medida, uma teoria sobre a estrutura e mudança dos valores, assim como um modelo sobre valores e ideologia política. Gouveia (2013) o considera o “pai dos valores humanos”, entendendo que suas ideias influenciaram diversos pesquisadores, que o tiveram como base para desenvolver modelos mais elaborados (e.g., Gouveia, 2013; Inglehart, 1977; Schwartz, 1992). A propósito, previamente se ofereceu um recorte da história passada do estudo sobre os valores; embora as concepções descritas tenham impacto pragmático remoto nas pesquisas atualmente, permitem entender as direções que têm sido tomadas, além de servirem mesmo para pensar o futuro.

Presente: A perspectiva motivacional no estudo dos valores

As contribuições prévias foram cenário para consolidar a temática dos valores em Psicologia. De fato, as quatro últimas décadas foram de avanços substanciais, incluindo a proposição de modelos teóricos e o desenvolvimento de novas medidas, que favoreceram centenas de pesquisas em diversos países do mundo. Essencialmente, os

avanços maiores têm sido no sentido de focar nas hipóteses de conteúdo e estrutura dos valores, tentando mostrar que são aproximadamente os mesmos em diversas culturas (Maio, 2016; Roccas & Sagiv, 2017). Os valores humanos têm também sido empregados para explicar diversos comportamentos e atitudes (para um sumário em contexto nacional, veja-se Gouveia, 2016), a exemplo de comportamentos pró-sociais (Daniel, Bilgin, Brenzina, Strohmeier, & Vainre, 2015; Sanderson & McQuilkin, 2017), pró-ambientais (Steg & Groot, 2012) e agressão (Bacchini, Affuso & Aquilar, 2015; Benish-Weisman, 2015).

Decidir que teorias destacar não é tarefa fácil. Portanto, utilizam-se dois critérios neste artigo: (1) inserção internacional e (2) impacto potencial na literatura. Quanto ao primeiro, não cabe dúvida da adequação do modelo de S. H. Schwartz, que considera mais de 80 países, contando com publicações e teses em diferentes idiomas; o modelo de G. Hofstede é igualmente relevante, tendo em conta mais de 60 países, dando ênfase ao contexto organizacional, que também servido de base para diversas pesquisas; um terceiro modelo de destaque é o de R. Inglehart, que contempla 48 países, procurando relacionar valores com variáveis políticas e sociais; e, finalmente, o modelo de V. V. Gouveia tem recebido destaque em anos recentes, contando com amostras de mais de 50 países, servindo de base para teses e publicações diversas. Quanto ao segundo critério, uma busca rápida no *Google Acadêmico*, colocando o nome de cada um desses autores e a palavra “values”, de certo modo traduz sua importância, sobretudo quando comparado com Rokeach, que conta com 652 registros; G. Hofstede (#27.200) e R. Inghelart (#26.800) são destaques, seguidos de S. H. Schwartz (#14.300); V. V. Gouveia (#643), que oferece um modelo mais recente, começa a aparecer, aproximando-se do impacto registrado para Rokeach.

Apesar da importância dos modelos de R. Inghelart e G. Hofstede, inclusive seu uso por pesquisadores da psicologia (Gouveia, 1998), há que se dizer que são modelos culturais, isto é, consideram como unidade de análise a cultura, o país, sendo as pessoas agregadas em razão de viverem em determinada localidade. Portanto, mantendo a linha evolutiva deste artigo, consideram-se como referência apenas os modelos de Schwartz e Gouveia, os quais têm sido referenciados por colegas no Brasil (e.g., Rodrigues et al., 2012) e exterior (e.g., Hanel, Litzellanchner, & Maio, 2018; Maio, 2016). Resumem-se a seguir os fundamentos e as contribuições dessas duas teorias.

Teoria universal dos valores humanos. O impacto desta teoria, que principia nos anos 1980, parece evidente; o artigo clássico de Schwartz, de 1992, aparece com mais de 12 mil citações no Google Acadêmico. Claramente fundamentado nas ideias de Rokeach, Schwartz teve duas contribuições fundamentais: (1) desenvolveu uma teoria específica sobre valores humanos, tratando-os como dimensões em lugar de pensar valores específicos, demonstrando a universalidade de seu conteúdo e sua estrutura, e (2) internacionalizou os estudos sobre valores, contando com colaboradores nos cinco continentes.

Schwartz entende que os valores são trans-situacionais, que variam de importância e servem como princípios orientadores na vida de uma pessoa ou um grupo (Schwartz, 2017). No caso, compreende os valores como representações cognitivas de três requisitos universais humanos: (1) necessidades biológicas do indivíduo, (2) necessidades de interação social coordenada e (3) necessidade de sobrevivência e bem-estar nos grupos (Schwartz, 1992). Portanto, Schwartz vale-se de três conceitos gerais para definir os valores: metas, necessidades e motivações (Cavalcanti, 2016).

Tomando em conta esses três requisitos, Schwartz indicou propôs diferentes estruturas de valores, incluindo sete (Schwartz & Bilsky, 1987), dez (Schwartz, 1992),

onze (Schwartz, 1994) e dezenove (Schwartz et al., 2012) tipos motivacionais. Mesmo sabendo do critério da parcimônia, o refinamento da teoria foi justificado com base em seu maior poder explicativo; tiveram-se em conta, ainda, dois pressupostos critérios para o desenvolvimento da teoria: (a) as evidências de que os indivíduos discriminam esse maior número de valores e (b) a associação que cada valor possui com outras variáveis, a exemplo de atitudes e comportamentos (Schwartz, 2017).

A partir desta teoria foram dadas contribuições importantes à temática dos valores. Por exemplo, tiveram começo pesquisas com evidências robustas sobre suas bases genéticas, demonstrando que as dimensões valorativas são afetadas pela hereditariedade, e sua influência tende a aumentar com a idade (Knafo & Spinath, 2011). Portanto, demonstrou-se que os valores possuem um componente que não está restrito à socialização ou à aprendizagem social (Schermer, Vemon, Maio, & Jang, 2011). A base neural dos valores humanos foi avaliada por meio da fMRI (Zahan et al., 2009), levando a conclusão de que sua ativação emerge de representações de conceitos sociais abstratos, no lobo temporal, e sentimentos morais, em regiões fronto-mesolímbicas (Moll, Zahn, Oliveira- Souza, Krueger, & Grafman, 2005).

As pesquisas sobre componentes biológicos dos valores humanos não é a tendência central dos estudos, embora releve a abrangência que este construto tem alcançado. Estudos de natureza mais psicossociológica têm prevalecido, como aqueles realizados em diversas culturas para comprovar a estrutura dos valores humanos (Schwartz 1994; Schwartz & Bardi, 2001; Roocas & Sagiv, 2017). Porém, outras tantas pesquisas vêm sendo desenvolvidas, procurando conhecer a transmissão de valores na socialização parental (Knafo & Schwartz, 2004), as mudanças que ocorrem ao longo da vida (Milfont, Milojev, & Sibley, 2016) e as representações cognitivas e o modo de

ativação dos valores (Hanel, Vione, Hahn, & Maio, 2017; Maio, Pakizeh, Cheung, & Ress, 2009).

O estudo dos correlatos valorativos de comportamentos específicos, embora escassamente tratados (Boer & Fischer, 2013), tem sido algo também abordado no âmbito desta teoria. A propósito, evidência do esforço em contemplar essa questão, recente se publicou o livro *Values and Behavior* (Roccas & Sagiv, 2017). De certo modo, é desdobramento de estudo prévio que mostrava que o comportamento é expresso simultaneamente por mais de um valor (Bardi & Schwartz, 2003). Por exemplo, os comportamentos pró-sociais, entendidos como ações que beneficiam outras pessoas ou a sociedade (eg., ajuda, altruísmo, cooperação; Dovidio, Pilavin, Schroeder, & Penner, 2017), podem ser evocados por meio de *priming* dos valores humanos (Maio et al., 2009). Entretanto, apenas a ação de refletir sobre um valor em si (e.g., benevolência) aumenta a disposição a ajudar (Arieli, Grant, & Sagiv, 2014).

Embora a teoria de Schwartz fundamente a maioria dos estudos, ela não está isenta de críticas e controvérsias (Gouveia, Milfont, & Guerra, 2014b; Waegel, Billiet, & Pleysier, 2000). Primeiro, carece de base teórica subjacente à origem dos valores e de seus tipos motivacionais (Gouveia, 2003), repercutindo em flutuações estruturais de seu modelo. A própria definição de valores é imprecisa, recorrendo a conceitos diversos (e.g., motivações, metas, necessidades) sem que estes sejam diferenciados. Sua medida principal, isto é, o *Schwartz Values Survey*, agrega as listas de valores instrumentais e terminais de Rokeach (1973), inclusive apresentando caráter semi-*ipsativo*, combinando *rating* e *ranking*. O *Portrait Values Questionnaire* (Schwartz, Melech, Lehmann, Burgess, Harris, & Owens, 2001) foi uma tentativa de superar esses problemas, tendo sido adaptado ao Brasil (Almeida & Sobral, 2009; Pasquali & Alves, 2004; Tamayo & Porto,

2009). Contudo, segue sem contemplar valores básicos, a exemplo dos mais materialistas (e.g., sobrevivência, saúde).

Por fim, a propósito das limitações do modelo de Schwartz, que tem sido recentemente ampliado para tentar abarcar mais valores, há duas décadas tem sido consolidada a *teoria funcionalista dos valores humanos* (Gouveia, 2013, 2016). Um modelo mais simples, contando com medida mais parcimoniosa, porém permitindo contemplar modelos prévios, inclusive os que Schwartz (1994), além de cobrir as dimensões culturais sugeridas por Inglehart (1991). Por exemplo, Gouveia et al. (2014b) usaram dados do PVQ-21 para mostrar que esta teoria logra explicar a organização dos valores desse instrumento. Deste modo, parece relevante considerar esta teoria.

Teoria funcionalista dos valores humanos. Se os estudos sobre valores completam um século, aqueles que assentaram as bases desta teoria já vão com duas décadas (Gouveia, 1998). Desenvolvida por Valdiney Gouveia, esta teoria foi reunindo contribuições de diversos pesquisadores que têm atuado no Brasil e no exterior; seu livro mais recente traz algumas dessas contribuições (Gouveia, 2016), que tratam sobre os valores em diversas áreas de estudo da Psicologia, tratando de temas variados (e.g., preconceito, preocupação ambiental, condutas antissociais, compromisso organizacional). Esta teoria surgiu como intento de superar limitações em propostas anteriores sobre os valores humanos, procurando tratar os valores como um conceito legítimo, rejeitando a referência a outros (e.g., atitudes, crenças, traços de personalidade). No caso, a questão central que se impôs Gouveia foi: quais as funções principais dos valores humanos? (Gouveia, 2003, 2013; Gouveia, Milfont, & Guerra, 2014a).

Embora Rokeach (1973) tenha previamente tratado sobre as funções dos valores, o fizera em termos gerais, refletindo influência à época dos estudos sobre as funções das atitudes. Portanto, Gouveia (2013) foi o primeiro a tratar diretamente sobre as funções

dos valores, elaborando sua teoria a respeito. No caso, ele identificou na literatura duas funções consensuais dos valores: (1) guiam as ações humanas (*tipo de orientação*) e (2) expressam suas necessidades (*tipo de motivador*). Estas duas funções foram operacionalizadas como eixos de uma dimensão bi-espacial, formando uma estrutura *duplex*; no eixo horizontal estaria o *tipo de orientação*, que cobre três tipos específicos: pessoal, central e social, enquanto que no eixo vertical corresponderia ao *tipo de motivador*, que representa os tipos materialista e humanitário.

A configuração anteriormente indicada conforma em um delineamento 3 x 2, que são combinados para resultar em seis quadrantes, cada um definindo um tipo de valor básico (ou subfunção), como seguem (Gouveia, 2013; Gouveia et al., 2014a): (1) pessoal-humanitário (*experimentação*), (2) pessoal-materialista (*realização*), (3) central-materialista (*existência*), (4) central-humanitário (*suprapessoal*), (5) social-humanitário (*interativa*) e (6) social-materialista (*normativa*). Cada um desses valores básicos pode ser representado por diferentes valores específicos, sem que isso afete a estrutura dos valores (Gouveia et al., 2011, 2014b). Por exemplo, o valor básico (a subfunção) *experimentação* foi representada por valores específicos diferentes em amostra de crianças (Soares, 2013), mostrando a flexibilidade desta teoria, não dependente de uma medida específica.

É importante lembrar que a distinção de valores pessoais e sociais como critérios de orientação que guiam o comportamento humano compreende uma dimensão fundamental da vida em sociedade, traduzindo-se, por exemplo, como as perspectivas individualista e coletivista, respectivamente (Hofstede, 1984; Triandis, 1995). Os indivíduos que priorizam valores de orientação pessoal estão centrados em si, são egocêntricos e têm um foco intrapessoal, enquanto que aqueles orientados por valores sociais se centram na sociedade, enfatizando o grupo e tendo um foco interpessoal.

Porém, esses dois tipos de orientação não encerram as possibilidades humanas; esta teoria sugere que existem também valores centrais, que se localizam entre os sociais e pessoais, sendo a “espinha dorsal” ou a base organizadora do sistema de valores (Gouveia et al., 2011, 2014a).

Outros autores têm também abordado os valores como representação das necessidades humanas (Maslow, 1954; Murray, 1938; Rokeach, 1973). Porém, poucos o fizeram tão diretamente como Inglehart (1977, 1991), que propôs a dimensão de variação cultural denominada como materialismo – pós-materialismo. Gouveia (2003, 2013) reconheceu a importância dessa dimensão, mas a redefiniu como valores pessoais, procurando tratar cada polo como tipos de motivadores independentes, não necessariamente contrários. Especificamente, propôs existirem valores materialistas (*pragmáticos*), relacionados com ideias práticas, focados em metas específicas e regras sociais, e humanitários (*idealistas*), associados com princípios mais abstratos, representando uma orientação universal, não se limitando a metas rígidas.

Apesar de S. H. Schwartz conhecer essa proposta teórica desde 2001, com a publicação de Gouveia et al. (2014a) ele expressou algum desconforto, elaborando uma série de críticas à teoria funcionalista dos valores (Schwartz (2014), cabendo destacar três delas: (1) as subfunções dos valores já tinham sido propostas previamente pelo próprio Schwartz; (2) a subfunção existência não oferece novidade, podendo ser representada por valores de segurança pessoal; e (3) a teoria de Gouveia não está atenta ao tipo motivacional autonomia, que representa a independência de pensamento e ação. Gouveia et al. (2014b) responde as críticas deste autor, mostrando que Schwartz nunca tratou sobre funções de valores, que existência não é uma dimensão legítima, que inclui, por exemplo, *sobrevivência*, que não está em seu modelo, e que *autonomia* não é exatamente um valor ou tipo motivacional independente; pode ser incluído no tipo motivacional *universalismo*,

mas, prefere pensa-lo como um traço de personalidade, como parece evidente em estudos prévios.

Por fim, a teoria funcionalista dos valores, embora menos difundida que a teoria que propõe Schwartz, tem revelado ser bastante promissora. A teoria de Gouveia não somente permite explicar o modelo de Schwartz, como também incluem dimensões não tratadas por seu modelo (e.g., *existência*) e demonstra que pode ser mais adequado tratar os tipos motivacionais *poder* e *logros* como valores de *realização*, e *tradição* e *conformidade* como valores *normativos*. Quiçá o modelo de Gouveia tenha mais repercussão do que se admita *a priori*; modelo mais recente de Schwartz abarca muitas das contribuições de Gouveia (Schwartz et al., 2012), embora se perde no oceano de valores específicos, que se procura operacionalizar para criar um modelo complexo. A figura 1 a seguir mostra cronologicamente os teóricos que contribuíram para a área.

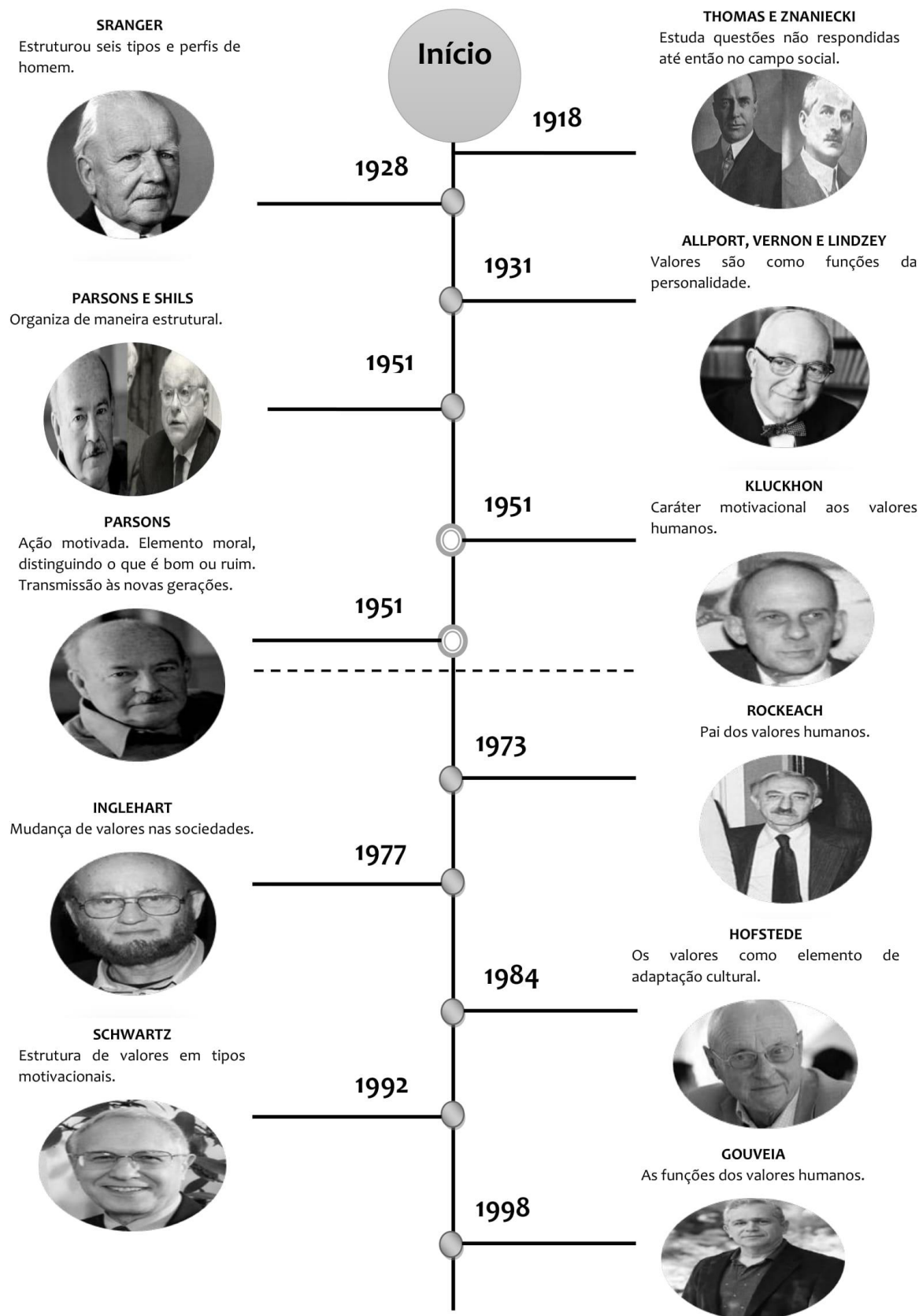


Figura 1. Linha histórica dos teóricos dos valores humanos

Futuro: Bases biológicas e neurológica do estudo dos valores

Elaborar uma agenda que pretenda traçar o percurso a ser seguido é uma tarefa audaciosa, demandando definir critérios mínimos. Quiçá o primeiro critério relevante compreenda as publicações recentes acerca do tema, que ainda carecem de aprofundamento; o segundo critério pode ser mais contextual, refletindo tendências recentes na psicologia de maneira geral, além de considerar métodos que outras áreas já adotam; e, por fim, o terceiro pode dizer mais a respeito das expectativas de aplicação dos achados sobre os valores humanos para a resolução de problemas cotidianos.

Quanto ao primeiro critério, a psicologia evolucionista é uma área que vem contribuindo para os estudos acerca dos valores. Desde esta perspectiva, entende-se o cérebro como um sistema computacional projetado pela seleção natural para usar informações de forma a regular a fisiologia e o comportamento de maneira adaptativa (Cosmides & Tooby, 2013). Apesar de ser uma vertente da psicologia já consolidada, perdura alguns equívocos de interpretação quando se utiliza seus pressupostos; por exemplo, a crença de que os comportamentos são exclusivamente determinados pela genética, isto é, se é evolutivo, então não é impossível mudá-lo, e que mecanismos atuais são otimizados pela seleção (Buss, 2015).

Há expectativa quanto aos estudos sobre valores humanos com base evolucionista (Fischer & Boer, 2016; Gouveia, 2013). Especificamente, observam-se as primeiras contribuições, como quanto às relações interpessoais íntimas; observa-se que o endosso de valores de experimentação pode afetar negativamente na escolha de parceiro para relações a longo prazo (Lopes, Santos, Schackelford, Tratner, & Gouveia, 2017). Por outro lado, os valores sociais são percebidos como mais atrativos na busca de um parceiro romântico (Lopes, Bararo et al., 2017). No conjunto, estes achados indicam, portanto, que os valores atribuídos a um indivíduo influenciam a percepção sobre a desejabilidade como parceiro a longo prazo e sua retenção (Lopes, Sela, & Schackelford, 2017).

Na perspectiva evolucionista, a abordagem de história de vida, isto é, as estratégias de sobrevivência e reprodução adotadas por indivíduos de uma espécie (Wilson, 1975), poderá representar uma contribuição importante. Por exemplo, Jonason, Foster, Kavanagh, Gouveia e Birkás (2018) realizaram estudo em três países (Brasil, Estados Unidos e Hungria; $N = 937$) em que mostraram que os valores pessoais (i.e., *experimentação* e *realização*) podem ser pensados como representando estratégias rápidas de história de vida (*estratégia-r*), focando em necessidades imediatas, enquanto que os valores sociais (i.e., *interativo* e *normativo*) favoreceriam estratégias lentas de história de vida (*estratégia-k*), focando em ganhos a longo prazo, tendo metas mais pró-sociais. Estas conjecturas pareceram substanciais para explicar seus achados acerca da correlação entre os valores humanos e os traços de personalidade sombria (maquiavelismo, narcisismo e psicopatia).

Quanto ao segundo critério, destaca-se a tendência a partir dos anos 1980, sobretudo fomentada pelos estudos de Hofstede (1984), de focar em estudos transculturais dos valores e seus correlatos, tentando mostrar dimensões ou tipos universais de valores (Schwartz, 1994; Schwartz & Bardi, 2001; Grouzet et al., 2005). Esta tendência de estudo ainda prevalece (Schwartz et al., 2014), embora pareça dar indícios de que pouco mais há a ser conhecido acerca do modelo de S. H. Schwartz; o maior desafio, talvez, seja a demonstração de que a teoria de V. V. Gouveia goza igualmente de adequação transcultural, embora as primeiras evidências nessa direção já têm sido reunidas (Soares, 2015).

Começa também a existir um movimento de investir em estudos experimentais, mostrando em que medida os valores podem ser afetados por manipulações ou estímulos pré-definidos, conferindo maior consistência para a área (Athayde, 2015; Cavalcanti, 2016; Schwartz, 2013). Esta, de fato, tem sido uma tendência geral da psicologia social,

como se reflete em dois de suas revistas mais importantes (*European Journal of Social Psychology* e *Journal of Personality and Social Psychology*). Contudo, ainda que se contemplem tentativas crescentes e cada vez mais refinadas de estudos experimentais com valores humanos (Maio et al., 2009; Schwartz, 2013), muito ainda haverá que fazer. A escassez de estudos de replicação, escassamente aceitos por algumas revistas, e a consolidação de programas de pesquisa nesta perspectiva são duas maiores barreiras a serem enfrentadas. Talvez seja um alento saber que tais dificuldades não são exclusivas da temática dos valores humanos, abarcando outras áreas das ciências humanas (Richard, Bond, & Stokes-Zoota, 2003).

Por fim, observa-se um interesse crescente por conectar os valores humanos com condutas concretas (Roccas & Sagiv, 2017) e problemas emergentes no dia a dia (Gouveia, 2016). A propósito, em uma ordem executiva de 2015, intitulada *Using behavioral science insights to better serve the American people*, o então presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, implementou a Equipe de Ciências Sociais e Comportamentais, com participação de psicólogos, procurando propor soluções acerca da mudança climática. Nesta direção, podem representar passos importantes os estudos sobre valores humanos como explicadores de preocupação ambiental e comportamentos pró-ambientais (Corner, Markowitz, & Pidgeon, 2014; Schultz et al., 2005; Steg, Bolderdijk, Keizer, & Perlaviciute, 2014).

Outra possibilidade de aplicação dos achados tem por base os estudos acerca os correlatos dos valores com a intenção de voto, a preferência e a participação política (Santos, 2015; Schwartz et al., 2013; Vecchione, Caprara, Dentale, & Schwartz, 2013). Por exemplo, conhecendo-se os valores da população, pode-se estimar o perfil desejável do candidato, o endosso das pessoas a determinadas políticas públicas e sua abertura para propostas inovadoras e inclusivas, que promovam a justiça social. A propósito, valores

básicos como os correspondentes às subfunções suprapessoal (universalismo) e interativa (benevolência) poderão ser relevantes para construir uma sociedade mais democrática (Gouveia, 2013; Schwartz et al., 2012).

Os estudos sobre valores, de fato, têm dado passos para oferecer instrumentos e soluções para problemas diversos, incluindo no âmbito da clínica. Por exemplo, Souza, Gouveia, Lima e Santos (2015) propõe um instrumento que poderá ser empregado para diagnósticos dos valores em diversos contextos, como escolar, laboral e clínico; ademais, comprovam-se na literatura sugestões de ferramentas terapêuticas destinadas ao tratamento e à profilaxia do vazio existencial em adolescentes e adultos que têm em conta os valores humanos (Aquino, Simeão, & Rodrigues, 2018).

Em suma, oferecem-se nesta oportunidade um quadro geral, indicando tendências e possibilidades. Entretanto, não se esgotam nesta ocasião as oportunidades. Por certo, poder-se-ia indagar: Como serão os próximos cem anos de estudos? Embora tenham sido traçadas, em linha gerais, contribuições esperadas da psicologia evolucionista e estudos experimentais, as novas descobertas poderão levar a direções inimagináveis. Por um lado, estima-se que estudos sobre bases genéticas e neurológicas dos valores possam atrair a atenção dos pesquisadores (Gouveia, 2016), principalmente se persiste a ênfase motivacional recorrente em modelos dos valores a partir dos anos 1970 (Gouveia, 2013; Rokeach, 1973; Schwartz, 1994). Contudo, esse paradigma poderá ser quadrado (Kuhn, 1962), embora os presentes autores não estimem que isso ocorrerá em termos dos pressupostos teóricos consolidados; mudanças se esperam, sobretudo, a partir da forma de capturar os valores, talvez empregando o discurso natural, capturado em redes sociais, por exemplo.

Conclusão

Como indicava o Rokeach (1973), os valores têm importância central em nosso sistema cognitivo. De fato, os estudos têm demonstrado que eles intermediam a relação entre a estrutura mais interna e duradoura de uma pessoa, isto é, sua personalidade, e suas atitudes e condutas cotidianas (Bardi & Schwartz, 2003; Boer & Fischer, 2013; Gouveia, 2016; Roccas & Sagiv, 2017). Porém, não podem ser entendidos como uma panaceia; não substituem qualquer construto ou podem ser usados para explicar tudo. Os valores são importantes, sobretudo, quando se tratam de atitudes e condutas que expressam conotação moral, religiosa ou política, a exemplo de posicionamentos frente ao aborto, drogas, autoritarismo, liberalismo sexual, preconceito (para um resumo sobre múltiplas pesquisas, veja-se Gouveia, 2016).

Por fim, certamente muito ainda haverá que conhecer acerca dos valores humanos. Porém, a última metade de século foi o cenário para consolidar teorias e medidas, reunindo estudos sobre estrutura valorativa, estabilidade e mudança de valores, bases biológica e neuronal dos valores, medidas implícitas dos valores e seus correlatos. Portanto, este é um campo fértil da psicologia, que convida a novas contribuições. Cabe destaque o fato de existir teoria com sustentação forte no contexto brasileiro, como a *teoria funcionalista dos valores humanos*, que já conta com duas décadas de história (Gouveia, 2013, 2016).

Referências

- Allport, G. W. (1937). *Personality: A psychological interpretation*. Oxford, UK: Holt.
- Allport, G. W., Vernon, P. E., & Lindzey, G. (1931). *Study of values: A scale for measuring the dominant interests in personality: Test Booklet*. Houghton Mifflin.
- Almeida, F. J. R., & Sobral, B. A. F. J. (2009). O sistema de valores humanos de administradores brasileiros: Adaptação da escala PVQ para o estudo de valores no Brasil. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 5, 10 – 31.
- Aquino, T. A. A., Simeão, S., Rodrigues, L. (2018). *Baralho de Valores e Sentidos da Vida*. Rio de Janeiro: Sinopsys Editora.
- Arieli, S., Grant, A. M., & Sagiv, L. (2014). Convincing yourself to care about others: An intervention for enhancing benevolence values. *Journal of Personality*, 82, 15-24.
- Athayde, R. A. (2015). *Bases Neurais dos Valores Humanos: Efeito da neuromodulação nos valores e comportamentos*. (Tese de Doutorado não publicada). Departamento de psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Bacchini, D., Affuso, G., & Aquilar, S. (2015). Multiple forms and settings of exposure to violence and values: unique and interactive relationships with antisocial behavior in adolescence. *Journal of Interpersonal Violence*, 30, 3065-3088.
- Bardi, A., & Schwartz, S. H. (2003). Values and behavior: Strength and structure of relations. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29, 1207-1220.
- Benish-Weisman, M. (2015). The interplay between values and aggression in adolescence: A longitudinal study. *Developmental Psychology*, 51, 677-.
- Bilsky, W. (2009). A estrutura de valores: sua estabilidade para além de instrumentos, teorias, idade e culturas. *Revista de Administração Mackenzie*, 10, 12-33.
- Boer, D., & Fischer, R. (2013). How and when do personal values guide our attitudes and sociality? Explaining cross-cultural variability in attitude–value linkages. *Psychological Bulletin*, 139, 1113 – 1127.

- Buss, D. (2015). *Evolutionary psychology: The new science of the mind*. Psychology Press.
- Cavalcanti, T. M. (2016). *A natureza dos valores humanos: Evidências acerca das necessidades psicológicas*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Departamento de Psicologia, UFPB, João Pessoa, PB.
- Corner, A., Markowitz, E., & Pidgeon, N. (2014). Public engagement with climate change: the role of human values. *Wiley Interdisciplinary Reviews: Climate Change*, 5, 411-422.
- Cosmides, L., & Tooby, J. (2013). Evolutionary psychology: New perspectives on cognition and motivation. *Annual Review of Psychology*, 64, 47 – 63.
- Daniel, E., Bilgin, A. S., Brezina, I., Strohmeier, C. E., & Vainre, M. (2015). Values and helping behavior: A study in four cultures. *International Journal of Psychology*, 50, 186-192.
- Dovidio, J. F., Piliavin, J. A., Schroeder, D. A., & Penner, L. A. (2017). *The social Psychology of Prosocial Behavior*. Psychology Press.
- Fischer, R., & Boer, D. (2016). Values: the dynamic nexus between biology, ecology and culture. *Current Opinion in Psychology*, 8, 155-160.
- Gouveia, V. V. (1998). *La natureza de los valores descriptores del individualismo e del colectivismo: Una comparación intra e intercultural*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia Social, Universidade Complutense de Madri, Espanha.
- Gouveia, V. V. (2003). A natureza motivacional dos valores humanos: Evidências acerca de uma nova tipologia. *Estudos de Psicologia*, 8, 431-443.
- Gouveia, V. V. (2013). *Teoria funcionalista dos valores humanos: fundamentos, aplicações e perspectivas*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

- Gouveia, V. V. (2016). Introdução à Teoria Funcionalista dos Valores. In V. V. Gouveia (Ed.), *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos: Áreas de estudo e aplicações* (pp. 13-27). São Paulo: Vetor.
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., & Guerra, V. M. (2014a). Functional theory of human values Testing its content and structure hypotheses. *Personality and Individual Differences*, 60, 41 – 47
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., & Guerra, V. M. (2014b). The functional theory of human values: From intentional overlook to first acknowledgement—A reply to Schwartz (2014). *Personality and Individual Differences*, 68, 250 - 253.
- Grouzet, F. M., Kasser, T., Ahuvia, A., Dols, J. M. F., Kim, Y., Lau, S., ... & Sheldon, K. M. (2005). The structure of goal contents across 15 cultures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89, 800 – 823.
- Hanel, P. H. P., Litzellanchner, L. F., & Maio, G R. (2018). An empirical comparison of human value models. *Frontiers in Psychology: Personality and Social Psychology*. Doi: 10.3389/fpsyg.2018.01643
- Hanel, P. H., Vione, K. C., Hahn, U., & Maio, G. R. (2017). Value Instantiations: The Missing Link Between Values and Behavior? In S. Roccas, & L. Sagiv (Eds.) *Values and Behavior* (pp. 175-190). Springer, Cham.
- Hofstede, G. (1984). *Culture's consequences: International differences in word-related values*. Newbury Park: Sage Publications.
- Inglehart, R. (1991). El cambio cultural en las sociedades industriales avanzadas. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas/Siglo XXI.
- Inglehart, R. (1977). *The silent revolution: Changing values and political styles among Western publics*. Princeton: Princeton University Press.

- Kluckhohn, C. (1951). Los valores y las orientaciones de valor en la teoría de la acción. In T. Parsons, & E. A. Shils (Eds.), *Hacia una teoría general de la acción* (pp. 435-485). Buenos Aires: Editorial Kapelusz.
- Knafo, A., & Schwartz, S. H. (2004). Identity formation and parent-child value congruence in adolescence. *British Journal of Developmental Psychology*, 22, 439-458.
- Knafo, A., & Spinath, F. M. (2011). Genetic and environmental influences on girls' and boys' gender-typed and gender-neutral values. *Developmental Psychology*, 47, 726 – 738.
- Kuhn, T. (1962). *The nature and necessity of scientific revolutions*. University of Chicago Press.
- Lopes, G. S., Barbaro, N., Sela, Y., Jeffery, A. J., Pham, M. N., Shackelford, T. K., & Zeigler-Hill, V. (2017). Endorsement of Social and Personal Values Predicts the Desirability of Men and Women as Long-Term Partners. *Evolutionary Psychology*, 15, 147 – 152.
- Lopes, G. S., Santos, W. S., Shackelford, T. K., Tratner, A. E., & Gouveia, V. V. (2017). Attractive men's desirability as a long-term partner varies with ascribed excitement values. *Personality and Individual Differences*, 107, 6-9.
- Lopes, G. S., Sela, Y., & Shackelford, T. K. (2017). Endorsement of existence values predicts mate retention behaviors. *Personality and Individual Differences*, 113, 184-186.
- Maio, G. R., Pakizeh, A., Cheung, W. Y., & Rees, K. J. (2009). Changing, priming, and acting on values: effects via motivational relations in a circular model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 97, 699 – 722.
- Maslow, A. H. (1954). *Motivation and personality*. New York: Harper & Row.

- Medeiros, E. D. (2011). *Teoria funcionalista dos valores humanos: Testando sua adequação intra e interculturalmente*. (Tese de Doutorado não publicada). Departamento de Psicologia, UFPB, João Pessoa, PB.
- Milfont, T. L., Milojev, P., & Sibley, C. G. (2016). Values stability and change in adulthood: A 3-year longitudinal study of rank-order stability and mean-level differences. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 42, 572-588.
- Moll, J., Zahn, R., de Oliveira-Souza, R., Krueger, F., & Grafman, J. (2005). The neural basis of human moral cognition. *Nature Reviews Neuroscience*, 6, 799 – 819.
- Murray, H. (1938). *Explorations in personality*. London: Oxford University Press.
- Myers, D. G. (2014). *Social psychology*. New York, NY: McGraw-Hill.
- Obama, Barack. (2015). *Using Behavioral Science Insights to Better Serve the American People*. Executive Order. United States.
- Parks, L., & Guay, R. P. (2009). Personality, values, and motivation. *Personality and Individual Differences*, 47, 675-684.
- Parsons, T. (1961). Theories of society foundations of modern sociological theory.
- Parsons, T., & Shils, E. A. (1951). Los valores, los motivos y los sistemas de acción. In T. Parsons & E. A. Shils (Eds.), *Hacia una teoría general de la acción* (pp. 65- 311). Buenos Aires: Editorial Kapelusz.
- Parsons, T., Bales, R. F., & Shils, E. A. (Eds.). (1953). *Working papers in the theory of action*. Glencoe, Ill., Free P.
- Pasquali, L., & Alves, A. R. (2004). Validação do Portraits Questionnaire - PQ de Schwartz para o Brasil. *Avaliação Psicológica*, 3, 73-82.
- Jonason, P. K., Foster, J. D., Kavanagh, P. S., Gouveia, V. V., & Birkás, B. (2018). Basic values and the dark triad traits. *Journal of Individual Differences*, 14, 78 – 95.

- Richard, F. D., Bond Jr, C. F., & Stokes-Zoota, J. J. (2003). One hundred years of social psychology quantitatively described. *Review of General Psychology*, 7, 331 – 345.
- Rodrigues, A., Assmar, E. M. L., & Jablonski, B. (2012). *Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes.
- Rokeach, M (1979). *Understanding Human Values*. New York: Free Press.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.
- Ros, M. (2006). Psicologia social dos valores humanos: Uma perspectiva histórica. Em M. Ros & V. V. Gouveia (Eds.), *Psicologia social dos valores humanos: Desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados* (pp. 23-53), São Paulo: Editora Senac.
- Roccas, S. & Sagiv, L. (2017). *Values and behavior*. Springer: Cham.
- Sanderson, R., & McQuilkin, J. (2017). Many kinds of kindness: The relationship between values and prosocial behaviour. In Roccas, S.; Sagiv, L. (Eds.) *Values and Behavior* (pp. 75-96). Springer: Cham.
- Santos, L. C. O. (2015). *Aspectos religiosos, educacionais e valorativos da intenção de voto*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.
- Schermer, J. A., Vernon, P. A., Maio, G. R., & Jang, K. L. (2011). A behavior genetic study of the connection between social values and personality. *Twin Research and Human Genetics*, 14, 233-239.
- Schultz, P. W., Gouveia, G. V., Cameron, L. D., Tankha, G., Schmuck, P., & Franêk, M. (2005). Values and their relationship to environmental concern and conservation behavior. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 36, 457-465.
- Schwartz, S. (2013). Value priorities and behavior: Applying a Theory of Integrated Values Systms. In Seligmman, C., Olson, J. M., Zanna, M. (Eds.) *The psychology of*

- values: *The Ontario symposium* (pp. 1 - 25), New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Schwartz, S. H. (1992). Universals in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. In M. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (pp. 1-65). New York: Academic Press.
- Schwartz, S. H. (1994). Are there universal aspects in the structure and contents of human values? *Journal of Social Issues*, 50, 19 - 45.
- Schwartz, S. H. (2014). Functional theories of human values: Comment on Gouveia, Milfont, and Guerra (2014). *Personality and Individual Differences*, 12, 21 – 24.
- Schwartz, S. H. (2017). The Refined Theory of Basic Values. In Roccas S., Sagiv, L. (Eds.) *Values and Behavior* (pp. 51-7). Cham: Springer.
- Schwartz, S. H., & Bardi, A. (2001). Value hierarchies across cultures: Taking a similarities perspective. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 268-290.
- Schwartz, S. H., & Bilsky, W. (1987). Toward a universal psychological structure of human values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53, 550 - 562.
- Schwartz, S. H., Caprara, G. V., Vecchione, M., Bain, P., Bianchi, G., Caprara, M. G., ... Zaleski, Z. (2014). Basic personal values underlie and give coherence to political values: A cross-national study in 15 countries. *Political Behavior. Advance online publication*.
- Schwartz, S. H., Cieciuch, J., Vecchione, M., Davidov, E., Fischer, R., Beierlein, C., et al. (2012). Refining the theory of basic individual values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 103, 663 – 688.
- Schwartz, S. H., Melech, G., Lehmann, A., Burgess, S., Harris, M., & Owens, V. (2001). Extending the cross-cultural validity of the theory of basic human values with a

- different method of measurement. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 519-542.
- Small, A. W., & Vincent, G. E. (1894). *An Introduction to tile Study of Society*. NY: American.
- Smith, A. (1863). *An inquiry into the nature and causes of the wealth of nations*. Edinburgh, UK: Adam & Charles Black.
- Soares, A. K. S. (2013). Valores humanos e bullying: Um estudo pautado na congruência entre pais e filhos. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Departamento de Psicologia. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.
- Soares, A. K.S. (2015). *Valores humanos no nível individual e cultural: um estudo pautado na teoria funcionalista*. (Tese de de Doutorado não publicada). Departamento de Psicologia. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Souza, L. E. C., Gouveia, V. V., Lima, T. J. S., & Santos, W. S. (2015). Questionários dos Valores Básicos–Diagnóstico (QVB-D): Evidências de Validade de Construto. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28, 292 - 301.
- Spranger, E. (1928). *Types of men*. Halle, Germany: Niemeyer.
- Steg, L., & de Groot, J. I. (2012). Environmental values. In S. D. Clayton (Ed.). *The Oxford handbook of environmental and conservation psychology*. (pp.81-92). New York, NY: Oxford University Press.
- Steg, L., Bolderdijk, J. W., Keizer, K., & Perlaviciute, G. (2014). An integrated framework for encouraging pro-environmental behaviour: The role of values, situational factors and goals. *Journal of Environmental Psychology*, 38, 104-115.
- Sumner, W.G. (1906). *Folkways*. Boston, NY: Ginn and Company.
- Tamayo, A., & Porto, J. B. (2009). Validação do questionário de perfis de valores (QPV) no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25, 369-376.

- Thomas, W. I., & Znaniecki, F. (1918). *The Polish peasant in Europe and America: Monograph of an Immigrant Group*. Boston, NY: Badger.
- Triandis, H. C. (1995). *Individualism and collectivism*. Boulder, CO: Westview press.
- Vecchione, M., Caprara, G., Dentale, F., & Schwartz, S. H. (2013). Voting and values: Reciprocal effects over time. *Political Psychology*, 34, 465-485.
- Vernon, P. E., & Allport, G. W. (1931). A test for personal values. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 26, 231 – 253.
- Waege, H., Billiet, J., & Pleysier, S. (2000). Validation by means of method variations: A CFA approach to the SSA-value-typology of Schwarz. *Developments in Survey Methodology*, 15, 75-91.
- Wilson, E. O. (1975). *Sociobiology: The new synthesis*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Zahn, R., Moll, J., Paiva, M., Garrido, G., Krueger, F., Huey, E. D., & Grafman, J. (2008). The neural basis of human social values: evidence from functional MRI. *Cerebral Cortex*, 19, 276-283.

Uma década dos estudos longitudinais em valores humanos: revisão meta-analítica

A decade of longitudinal studies in human values: meta-analytic review

Una década de estudios longitudinales en valores humanos: revisión metaanalítica

Revisão meta-analítica dos valores humanos

Meta-analytic review of human values

Revisión metaanalítica de los valores humanos

Thiago Medeiros Cavalcanti

Valdiney Veloso Gouveia

Universidade Federal da Paraíba

Resumo. A estabilidade e mudança valorativa é uma temática que assumiu papel secundário nos estudos da área. Apesar de despertar curiosidade acerca dos seus efeitos nos indivíduos, sua repercussão na literatura vem se desdobrando a partir dos anos 2000. Neste sentido, o presente estudo possui como objetivo realizar uma meta-análise dos últimos 10 anos das pesquisas longitudinais em valores humanos, e assim realizar um panorama geral da dualidade do fenômeno. Para tanto, inicialmente realizou uma revisão sistemática considerando a base de dados *PsychINFO*, chegando a um número final de 4 artigos e 7 estudos com 1952 participantes de 6 países diferentes. Na etapa seguinte processou a meta-análise por meio do software *Comprehensive Meta-Analysis*. Os resultados indicam elevada heterogeneidade para os dez tipos motivacionais, constatado pelo gráfico de funil, o valor Q ($p < 0,001$) e o índice I^2 . Os efeitos apontam para alta estabilidade dos valores, a exemplo: *conformidade* [$r_{\text{meta-análise}} = 0,71$ (IC 95% = 0,42 – 0,86); $p < 0,001$] e *auto-direção* [$r_{\text{meta-análise}} = 0,69$ (IC 95% = 0,47 – 0,82); $p < 0,001$], o valor médio do r da meta-análise foi de 0,64. As conclusões da pesquisa corroboram as evidências teóricas e empíricas anteriores, no qual salientam a estabilidade dos valores com seu atributo mais forte, porém, não nega a existência de mudanças gradativas e sistemáticas no construto.

Palavras-chave: valores humanos, longitudinal, meta-análise

Abstract. Stability and value change is a theme that has played a secondary role in this area studies. Despite arousing curiosity about its effects on individuals, its repercussion in the literature has been unfolding since the 2000s. In this sense, the present study aims to perform a meta-analysis of the last 10 years of longitudinal research in human values, and thus to realize a general overview of the duality of the phenomenon. To do so, initially performed a systematic review considering the *PsychINFO* database, reaching a final number of 4 articles and 7 studies with 1952 participants from 6 different countries. In the next step he processed the meta-analysis through *Comprehensive Meta-Analysis* software. The results indicate high heterogeneity for the ten motivational types, as verified by the funnel graph, the Q value ($p < 0.001$) and the I^2 index. The effects point to high stability of the values, for example: [$r_{\text{meta-analysis}} = 0.71$ (95% CI = 0.42-0.86); $p < 0.001$] and self-direction [$r_{\text{meta-analysis}} = 0.69$ (95% CI = 0.47-0.82); $p < 0.001$], the mean value of r for the meta-analysis was 0.64. The conclusions of the research corroborate the previous theoretical and empirical evidences, in which they emphasize the stability of the values with their strongest attribute, but does not deny the existence of gradual and systematic changes in the construct.

Key words: human values, longitudinal, meta-analysis

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, Muda-se o ser, muda-se a confiança; Todo o mundo é composto de mudança (Luiz de Camões).

Introdução

Estudar as mudanças que podem ocorrer com os valores humanos, esteve em segundo plano entre os pesquisadores (Lönqvist, Jasinskaja-Lahti, & Verkasalo, 2011). Apesar de ser um tema que desperta curiosidade, e o próprio Rokeach na década de 1970 tenha despendido grande esforço para investigar a questão, nos anos subsequentes deixou de aludir nos jornais de divulgação científica. A partir dos anos 2000 a temática repercutiu novamente (Schwartz, 2005). Neste sentido, o presente estudo tem como objetivo realizar uma meta-análise dos estudos longitudinais em valores humanos na última década.

Esse fenômeno psicossocial é definido como metas trans-situacionais, variando em importância, e que servem como princípios orientadores na vida de uma pessoa ou grupo (Schwartz, 2017), e que podem representar cognitivamente as necessidades humanas (Gouveia, Milfont, Vione, & Santos, 2015). Desde a sua definição mais sistemática, são considerados relativamente estáveis (Rokeach, 1973), indicando que os padrões orientadores da vida de um indivíduo hoje deve ser semelhante há 3 anos, ou aqueles que irão manter nos próximos anos (Milfont, Milojev, & Sibley, 2016).

A dualidade valorativa (estabilidade – mudança) foi investigada sobretudo referente a suas características duradoura, que permitiu avaliar diferenças individuais, estudos transculturais, e sua relação com personalidade e comportamentos (Bardi, Lee, Hofmann-Towfigh, & Soutar, 2009). As modificações que ocorrem com os valores são tratadas a partir do desenvolvimento humano (Gouveia, Vione, Milfont, & Fischer, 2015) e o efeito de eventos históricos (Goodwin & Bezmenova, 2006), mais recentemente destaque vem sendo oferecido aos experimentos, com ênfase no *priming* (Maio, 2010).

Estabilidade e mudanças dos valores humanos

Schwartz (2005) identificou efeito de coorte na mudança dos valores humanos, atribuindo importância ao envelhecimento e ao estágio do ciclo vital como fonte das diferenças das prioridades valorativas. Em consonância com esse achado, Gouveia, Vione, Milfont e Fischer (2015), realizaram estudo transversal para avaliar as alterações dos valores ao longo do desenvolvimento, considerando uma amostra com amplitude de 12 a 65 anos. A investigação encontrou efeito da idade nas diferenças dos perfis valorativos, apesar dos coeficientes de regressão serem de maneira geral baixo, alude para a importância das experiências de vida que cada estágio proporciona.

Goodwin e Bezmenova (2006) utilizaram comparação de coorte para avaliar a mudança de valores diante de um evento traumático. Na ocasião, constataram que, após o ataque terrorista de 11 de setembro de 2001, os estadunidenses atribuíram maior importância ao valor segurança, embora sua prioridade tenha voltado a linha anteriormente ao ataque depois de um tempo. O efeito rebote pode ser explicado devido a adaptação dos indivíduos, no qual não era mais necessário, pois os critérios objetivos de segurança do país voltou ao seu equilíbrio.

Um modelo sugerido tenta explicar as razões pelas quais os valores podem sair de sua estabilidade (Bardi & Goodwin, 2011). Duas rotas são as principais: (1) automática, por meio de estímulos ambientais e *priming* ativando esquemas existentes; (2) esforço, que requer uma reflexão consciente sobre seus princípios. Embora existam essas possibilidades, a maior força é para a estabilidade. A socialização é o fator responsável por essa constância, podendo as pessoas escolherem as situações da vida que se adequem aos seus valores (autoseleção) e/ou gradualmente adquirir seus valores que são mais apropriados para os cenários que está vivendo.

Comumente a dualidade valorativa pode ser estudada a partir de dois grandes grupos de análises. O primeiro caso é a mudança no nível médio, no qual diz respeito à

consistência de uma amostra ao longo do tempo, nesse caso as pontuações médias são comparadas em diferentes tempo, a exemplo da *growth curve model*; no segundo é a ordem de classificação, onde a estabilidade é avaliada por coeficiente de correlação (teste-reteste), para uma medida aplicada duas vezes às mesmas pessoas (Bardi et al., 2009). Especificamente, neste último caso o presente estudo visa proceder com a meta-análise.

Teoria de Schwartz

Valores são crenças que atuam como guia para avaliar eventos, atitudes, comportamentos, percepções e metas, são centrais no autoconceito dos indivíduos (Roccas & Sagiv, 2010; Lönnqvist, Jasinskaja-Lahti, & Verkasalo, 2011). De acordo com o modelo proposto por Schwartz, o construto é organizado em uma taxonomia bidimensional, a partir das motivações que o fundamentam. Essas motivações estabelecem uma relação de compatibilidade e conflito que origina uma estrutura universal que distingue em pelo menos 10 tipos básicos (Figura 1).

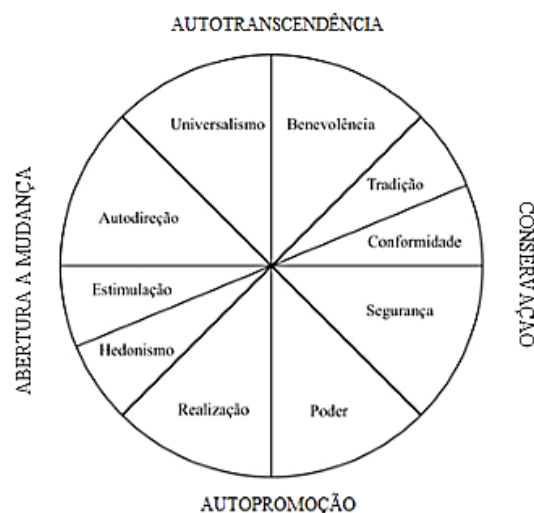


Figure 1. Estrutura circular da hipótese de compatibilidade e conflito de Schwartz

Autodireção. Envolve a busca por independência de pensamento e ação, relacionando-se com as escolhas e a criatividade (e.g. liberdade).

Benevolência. Traduz a preservação e o bem-estar das relações de intimidade (e.g. honesto).

Conformidade. São as contenções de ações e impulsos que violem as normas sociais predominantes (e.g. obediência).

Estimulação. Trata da excitação, novidades e as mudanças que ocorrem na vida (e.g. prazer).

Hedonismo. Como o próprio nome deixa claro, é procura por prazer e gratificações sexuais (e.g. desfrutar da vida).

Poder. É o tipo motivacional do *status*, prestígio, e domínio sobre pessoas e recursos (e.g. riqueza).

Realização. Diz respeito à apreciação do sucesso pessoal e a competência por meio dos padrões sociais aceitáveis (e.g. êxito).

Segurança. Evidencia a harmonia e a estabilidade para si e para a sociedade (e.g. ordem social).

Tradição. Reflete o respeito, o compromisso e a aceitação dos costumes e ideias da cultura ou religião (e.g. vida espiritual).

Universalismo. Indica a tolerância, a aceitação e o conforto de todos, como também, a proteção dos recursos naturais (e.g. sabedoria).

Os tipos motivacionais estão situados em um espaço bipolar, apresentando oposição entre valores concorrentes. A primeira dimensão, o eixo horizontal, é formado por *Abertura à Mudança* e *Conservação*, expondo conflito com os valores que refletem independência de pensamento, e aqueles com ênfase na ordem. A segunda, o eixo vertical, é composto por *Autoproteção* e *Autotranscendência*, exibindo conflito de valores de preocupação com os próprios interesses, e valores de interesse e bem-estar dos outros. Em outras palavras, quanto mais próximos os valores na direção do círculo, mais

compatíveis suas motivações, todavia, quanto mais distantes, maior o conflito entre eles (Knafo, Roccas, & Sagiv, 2011).

O presente estudo

Muitas pesquisas que avaliam as mudanças que ocorrem com os valores humanos utilizam o desenho longitudinal em estudantes (Bardi et al., 2009), os estudos realizados dessa forma permitem conclusões mais sistemáticas em comparação com aqueles concretizados por coorte ou transversal. De forma geral, os efeitos encontrados para as modificações são pequenos. Quanto a estabilidades, as correlações teste-reteste variam em torno de 0,90 durante um mês e 0,60 com diferença de dois anos (Schwartz, 2005).

A estabilidade também permaneceu elevada (0,51) em uma amostra de adultos com um intervalo de mensuração de 19 meses (Lönnqvist et al., 2011). Resultados semelhantes são encontrados com estudantes, com confiabilidade média de 0,58 com 1 ano entre as avaliações (Bardi et al., 2009). Alta constância foi encontrada em pesquisa efetuada com migrante poloneses que vivem na Grã-Bretanha, com coeficiente variando de 0,50 a 0,69 em 2 anos de pesquisa (Bardi et al., 2014).

Neste sentido, na atualidade encontram-se dispostos vários resultados a respeito da dualidade valorativa, a partir de uma diversidade de estudos. Tendo isso em conta, o presente estudo visa sistematizar os achados das pesquisas longitudinais, por serem elas a fornecerem as informações mais precisas. Para tanto, inicialmente realiza uma revisão sistemática com a finalidade de selecionar tais estudos, em seguida procede com o cálculo meta-analítico propriamente dito.

Método

Seleção dos estudos

Uma revisão de literatura foi conduzida por meio da base de dados *PsychINFO* durante o mês de novembro e dezembro de 2018. Inicialmente, foram utilizados os termos chaves: *change of human values* e *longitudinal studies of human values*, o total de

654 artigos foram encontrados desde o ano de 2008. Em segundo momento, a partir da leitura dos resumos e objetivos dos estudos, foram selecionados 25 (3,8%) artigos para apreciação, restando no final 8 (1,2%) publicações. De acordo com os critério de inclusão, isto é: apresentar os resultados de correlação e/ou média para todos os subtipos de valores avaliados, foram excluídos 4 artigos. Ressalta-se ainda, que algumas publicações apresentaram mais de um estudo, totalizando 7 estudos avaliados, como pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1. Características gerais dos artigos analisados

Autores	Escala utilizada	Amostra	País
Bardi, Lee, Hofmann-Towfigh, e Soutar (2009)	Portraits Value Questionnaire (PVQ)	811	Alemanha
Bardi, Lee, Hofmann-Towfigh, e Soutar (2009). 2	Schwartz Value Survey (SVS)	129	Inglaterra
Bardi, Lee, Hofmann-Towfigh, e Soutar (2009). 3	Schwartz Value Best Worst Survey (SVBWS)	135	Austrália
Lönnqvist, Jasinskaja-Lahti, e Verkasalo, (2011)	Portraits Value Questionnaire (PVQ)	325	Finlândia
Bardi, Buchanan, Goodwin, Slabu, e Robinson (2013)	Schwartz Value Survey (SVS)	131	Inglaterra
Bardi, Buchanan, Goodwin, Slabu, e Robinson (2013). 2	Portraits Value Questionnaire (PVQ)	151	Poloneses imigrantes que moram na Inglaterra
Vecchione et al. (2016)	Portraits Value Questionnaire (PVQ)	270	Itália

Análise dos dados

A meta-análise usou coeficientes de correlação como o tamanho do efeito com o qual os estudos foram comparados. Neste sentido, os estudos longitudinais de valores humanos reportam esse índice como indicativo da estabilidade temporal do construto (Vecchione et al., 2016). A extração dos dados foi realizada de forma conjunta pelos autores, após a obtenção dos estudos completos, utilizando-se de planilha construída de forma específica para tal finalidade.

Procedeu com dez meta-análises, para cada tipo motivacional de acordo com a teoria de Schwartz, usando o pacote estatístico *Comprehensive Meta-Analysis*. O programa calculou a medida resumo com o intervalo de confiança e seu grau de confiança (95% IC), além disso, foi extraído o gráfico de funil e o de floresta (*forest plot*) com o intuito de avaliar a heterogeneidade entre os estudos. Adotou-se o modelo de efeitos fixos quando não se rejeitou a hipótese de homogeneidade entre os estudos ($p > 0,1$).

Resultados

Nesta meta-análise foram incluídos 7 estudos de natureza longitudinal derivados de 4 (0,62%) publicações, totalizando 1954 participantes de 5 nacionalidades diferentes. Embora as buscas tenham incluído publicações entre os anos de 2008 e 2018, para a análise repercutiu apenas aquelas de 2009 à 2016. Em todos esses casos, os valores humanos é a variável principal de pesquisa, avaliando sua mudança e estabilidade ao longo do ciclo vital.

Os artigos selecionados, foram derivados de: *Journal of Personality and Social Psychology* (2), *Social Psychological and Personality Science*, *Journal of Research in Personality*. O achado indica existir um predomínio de revistas voltadas para a área de psicologia social e personalidade, característica marcante ao longo dos estudos em valores humanos. Percebe-se ainda que os autores que trabalham com a temática apresentam uma diversidade, repetindo-se apenas Bardi (ano 2009, 2013 e 2016).

Com a finalidade de verificar o tamanho do efeito da estabilidade dos valores humanos processou uma meta-análise. Para discernir sobre qual modelo adotar (fixo ou randômico), extraiu o gráfico de funil para os dez tipos motivacionais avaliados (Figura 2). A representação visual permite identificar a heterogeneidade dos estudos selecionados em relação às estimativas do tamanho do efeito, contudo, sua inspeção visual não foi conclusiva.

A partir disso, operou com o procedimento adotado por Borenstein, Hedges, e Higgins (2011). Para as meta-análises foram calculados a razão entre a variação entre os estudos (Q) e o erro dentro dos estudos (df), no qual mostrou diferente de zero para os tipos motivacionais ($p < 0,01$). Em seguida, para saber qual dessas dispersões era real, calculou-se uma razão entre a variância entre os estudos e a total (I^2) para cada tipo motivacional.

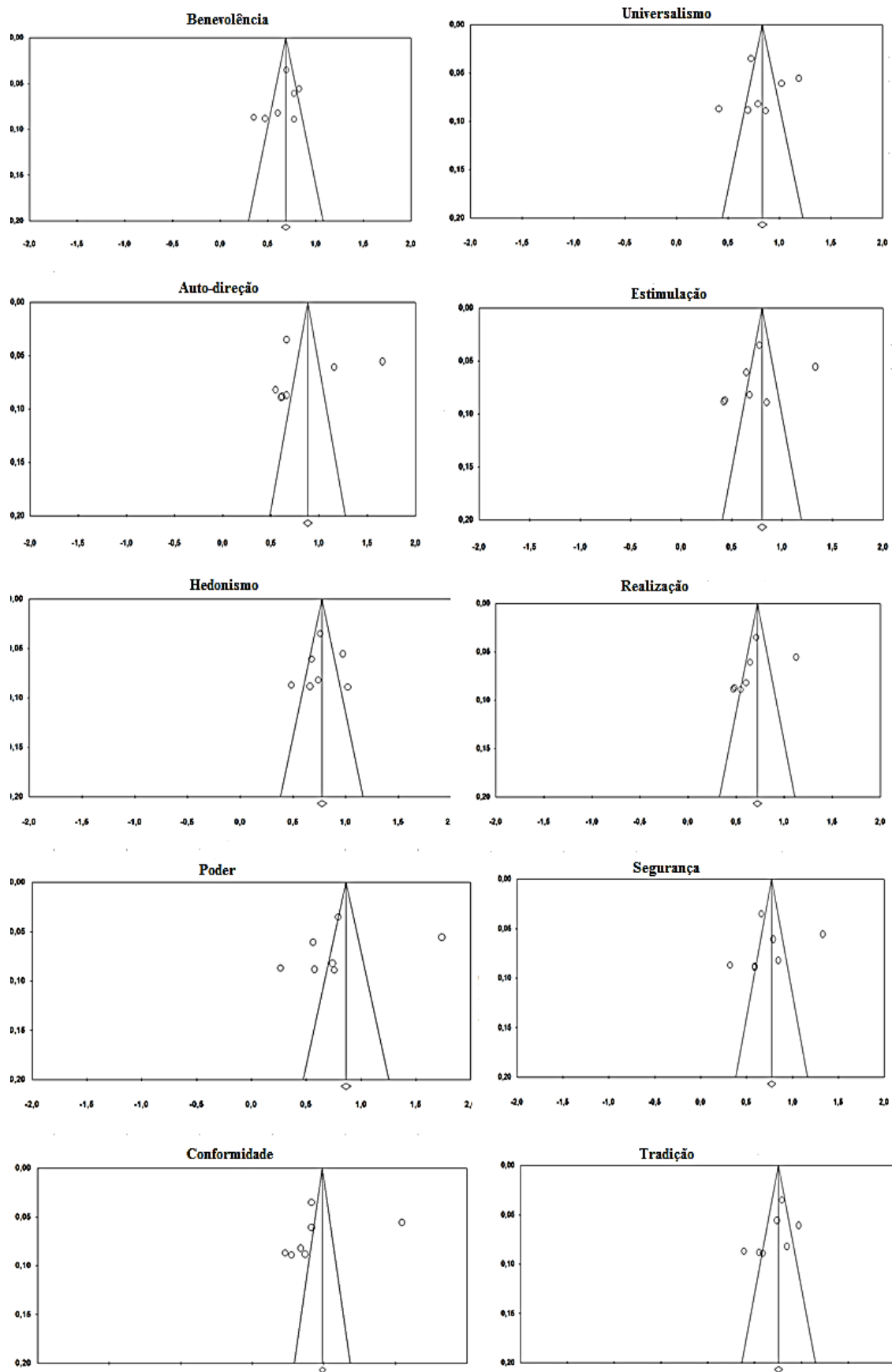


Figure 2. Gráfico de funil para os dez tipos motivacionais

O índice I^2 pode ser interpretado de maneira similar ao R^2 na análise de regressão. Seu objetivo é medir se a proporção de variância observada entre os estudos era real e não ocorreu com base na variância dentro dos estudos (Haase, Hoff, Hanel, & Innes-Ker, 2018). Higgins et al. (2003) sugerem uma escala de explicação do valor: próximo de 0% indica não heterogeneidade, próximo a 25% baixa, próximo a 50% indica heterogeneidade moderada, maior que 75% alta heterogeneidade entre os estudos. Os resultados apontam para alto nível de heterogeneidade, indicando que o melhor modelo para assumir é o aleatório. Estes dados podem ser observados nas tabelas que se encontram no apêndice para os dez tipos motivacionais, em conjunto com os gráficos de floresta, isto é, um diagrama que representa o resultado da meta-análise.

No gráfico, a primeira coluna à esquerda são listados os estudos, rotulado pelo nome do primeiro autor e ano de publicação. A segunda coluna apresenta os valores das correlações, seguido dos intervalos de confiança, o valor Z e p . No esquema, especificamente, as linhas horizontais indicam os intervalos de confiança com 95% de probabilidade de que o acaso é responsável pelos resultados. A linha vertical separa a região onde o tamanho do efeito é zero. As estimativas da medida de efeito de cada estudo são representadas por símbolos cujo tamanho é proporcional ao respectivo peso (Field & Gillet, 2010).

Neste sentido, nos estudos longitudinais analisados, as publicações de Bardi et al. (2009) seguido de Lönnqvist et al. (2011), são os que mais contribuíram para a medida resumo em todos os tipos motivacionais. De forma específica, *conformidade* apresentou

a maior estabilidade ao longo do tempo [$r_{\text{meta-análise}} = 0,71$ (IC 95% = 0,42 – 0,86); $p < 0,001$] e *realização* a menor [$r_{\text{meta-análise}} = 0,58$ (IC 95% = 0,45 – 0,68); $p < 0,001$]. Destaca-se assim que a estabilidade temporal dos valores humanos exhibe por meio do modelo aleatório uma medida de efeito médio geral de 0,64.

Discussão

A pesquisa tinha como finalidade realizar uma meta-análise dos estudos longitudinais dos valores humanos na última década, caracterizando assim a primeira investigação dessa natureza que tenta reunir dados sobre a dualidade valorativa. Os resultados indicando elevada estabilidade do construto, que mesmo reunindo índices de uma mesma teoria e escala semelhantes, indicou heterogeneidade.

Os achados corroboram o que a maioria das teorias dos valores defendem e o que as pesquisas veem encontrado. Como afirmou Rokeach em 1973, a firmeza dos valores é seu atributo mais proeminente, contudo, esse fato não rejeita a hipótese mudança. A propósito, alterações sistemáticas e gradativas são encontradas em publicações recentes (Bardi et al., 2009), evidenciando campo fértil para ser explorado na temática.

Milfont, Milojev, e Sibley (2015), já apontavam a existência de maior estabilidade para valores de *conservação* e *abertura à mudança*, em comparação com *autotranscendência* e *autopromoção*. No nosso estudo essa afirmação não necessariamente se confirma, porém, é importante ter em conta que trabalhamos com os valores de forma específica. Assim, encontrou padrão alto de constância dos valores nos quatro polos das duas dimensões, especialmente em conformidade, universalismo e autodireção, que podem ser representados por obediência, sabedoria e liberdade. Além disso, para todos os tipos motivacionais os resultados foram positivos, mostrando aumento da estabilidade ao longo do tempo.

É fundamental destacar que a amostra dos estudos avaliados é muito diversa. Mesmo que todas as pesquisas se baseiam em uma teoria e em escala de mensuração semelhantes, os resultados mostraram uma não homogeneidade dos dados, certamente devido a caracterização dos participantes. No nosso caso, esse achado é interessante, pois indica um padrão na variação dos valores humanos independente da amostra, elemento já discutido por alguns autores (ver Bardi et al., 2009; Gouveia et al., 2015).

Na revisão sistemática efetuada constatou-se um baixo número de publicações. Tal evidência já era esperada, inicialmente devido a própria natureza dos estudos, que precisa de maior tempo de pesquisa e financiamento para sua condução, em segundo, o próprio interesse dos pesquisadores. Em nível individual, estudar longitudinalmente os valores, indica avaliar sua mudança associada ao desenvolvimento humano, questão que foi abordada recentemente (Schwartz, 2005).

Grande limitação da pesquisa refere-se à exclusão de algumas publicações que não apresentaram as informações completas. Alguns autores trabalharam com os quatro polos e não com os dez tipos motivacionais. Não obstante, podendo elaborar um panorama mais amplo da literatura da área, essas pesquisas poderiam ser consideradas a partir de informações fornecidas pelos próprios autores. Cabe salientar também, que os termos da revisão sistemática foram em inglês, podendo existir artigos em outras línguas.

Apesar dessas limitações, o estudo cumpriu seu papel ao apresentar resultados meta-analíticos da estabilidade dos valores humanos ao longo tempo. Tendo em conta que os estudos dessa natureza ainda estão em consolidação, os resultados ora encontrados são alusivos de um arcabouço geral que apresenta o padrão de dualidade valorativa. Os estudos futuros precisam sobretudo mostrar um comparativo desse padrão em nível cultural e individual.

Referências

- Bardi, A., & Goodwin, R. (2011). The dual route to value change: Individual processes and cultural moderators. *Journal of cross-cultural psychology*, 42, 271-287.
- Bardi, A., Buchanan, K. E., Goodwin, R., Slabu, L., & Robinson, M. (2014). Value stability and change during self-chosen life transitions: Self-selection versus socialization effects. *Journal of Personality and Social Psychology*, 106, 131-147.
- Bardi, A., Lee, J. A., Hofmann-Towfigh, N., & Soutar, G. (2009). The structure of intraindividual value change. *Journal of personality and social psychology*, 97, 913-929.
- Borenstein, M., Hedges, L. V., Higgins, J. P., & Rothstein, H. R. (2011). *Introduction to meta-analysis*. John Wiley & Sons.
- Field, A. P., & Gillett, R. (2010). How to do a meta-analysis. *British Journal of Mathematical and Statistical Psychology*, 63, 665-694.
- Field, A. P., & Gillett, R. (2010). How to do a meta-analysis. *British Journal of Mathematical and Statistical Psychology*, 63, 665-694.
- Gouveia, V. V., Vione, K. C., Milfont, T. L., & Fischer, R. (2015). Patterns of value change during the life span: Some evidence from a functional approach to values. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 41, 1276-1290.
- Gouveia, V. V., Vione, K. C., Milfont, T. L., & Santos, W. S. (2015). Guiding actions and expressing needs: On the psychological functions of values. *Psykhé*, 24, 1-14.
- Verkasalo, M., Goodwin, R., & Bezmenova, I. (2006). Values following a major terrorist incident: Finnish adolescent and student values before and after September 11, 2001. *Journal of Applied Social Psychology*, 36, 144-160.

- Haase, J., Hoff, E. V., Hanel, P. H., & Innes-Ker, Å. (2018). A meta-analysis of the relation between creative self-efficacy and different creativity measurements. *Creativity Research Journal*, 30, 1-16.
- Higgins, J. P., Thompson, S. G., Deeks, J. J., & Altman, D. G. (2003). Measuring inconsistency in meta-analyses. *Bmj*, 327, 557-560.
- Knafo, A., Roccas, S., & Sagiv, L. (2011). The value of values in cross-cultural research: A special issue in honor of Shalom Schwartz. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 42, 178-185.
- Lönnqvist, J. E., Jasinskaja-Lahti, I., & Verkasalo, M. (2011). Personal values before and after migration: A longitudinal case study on value change in Ingrian–Finnish migrants. *Social Psychological and Personality Science*, 2, 584-591.
- Maio, G. R. (2010). Mental representations of social values. In M. P. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 42, pp. 1-43). New York, NY: Academic Press.
- Milfont, T. L., Milojev, P., & Sibley, C. G. (2016). Values stability and change in adulthood: A 3-year longitudinal study of rank-order stability and mean-level differences. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 42, 572-588.
- Roccas, S., & Sagiv, L. (2010). Personal values and behavior: Taking the cultural context into account. *Social and Personality Psychology Compass*, 4, 30-41.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York, NY: Free Press.
- Schwartz, S. H. (2005). Robustness and fruitfulness of a theory of universals in individual human values. In A. Tamayo & J. B. Porto (Eds.), *Values and behavior in organizations* [in Portuguese] (pp. 56-95). Petropolis, Brazil: Vozes.
- Schwartz, S. H. (2017). The refined theory of basic values. In *Values and behavior* (pp. 51-72). Springer, Cham.

- Vecchione, M., Schwartz, S., Alessandri, G., Döring, A. K., Castellani, V., & Caprara, M. G. (2016). Stability and change of basic personal values in early adulthood: An 8-year longitudinal study. *Journal of Research in Personality*, 63, 111-122.
- Verkasalo, M., Goodwin, R., & Bezmenova, I. (2006). Values following a major terrorist incident: Finnish adolescent and student values before and after September 11, 2001. *Journal of Applied Social Psychology*, 36, 144-160.

APÊNDICE

Tabela. Medida de efeito e IC (95%) para benevolência

Nome dos estudos					Correlação (95% CI)	
	r	Limite inferior	Limite superior	Z	p	
Bardi et al. (2009)	0,60	0,554	0,642	19,70	0,000	
Bardi et al. (2009).2	0,65	0,538	0,740	8,70	0,000	
Bardi et al. (2009).3	0,34	0,181	0,481	4,06	0,000	
Lönnqvist et al. (2011)	0,68	0,617	0,734	14,87	0,000	
Bardi et al. (2013)	0,44	0,290	0,569	5,34	0,000	
Bardi et al. (2013).2	0,54	0,416	0,644	7,35	0,000	
Vecchione et al. (2016)	0,65	0,576	0,714	12,71	0,000	
Fixo	0,68	0,658	0,706			
Aleatório	0,67	0,563	0,761			
Q	85,7				0,000	
I ²	93,0					

Tabela. Medida de efeito e IC (95%) para universalismo

Nome dos estudos					Correlação (95% CI)	
	r	Limite inferior	Limite superior	Z	p	
Bardi et al. (2009)	0,62	0,576	0,661	20,60	0,000	
Bardi et al. (2009).2	0,70	0,600	0,779	9,73	0,000	
Bardi et al. (2009).3	0,39	0,237	0,524	4,73	0,000	
Lönnqvist et al. (2011)	0,83	0,793	0,861	21,32	0,000	
Bardi et al. (2013)	0,60	0,478	0,700	7,84	0,000	
Bardi et al. (2013).2	0,66	0,559	0,742	9,64	0,000	
Vecchione et al. (2016)	0,77	0,717	0,814	16,73	0,000	
Fixo	0,68	0,65	0,70			
Aleatório	0,67	0,56	0,76			
Q	85,7				0,000	
I ²	93,0					

Tabela. Medida de efeito e IC (95%) para auto-direção

Nome dos estudos					Correlação (95% CI)	
	r	Limite inferior	Limite superior	Z	p	
Bardi et al. (2009)	0,58	0,532	0,624	18,83	0,000	
Bardi et al. (2009).2	0,54	0,405	0,652	6,78	0,000	
Bardi et al. (2009).3	0,58	0,456	0,682	7,61	0,000	
Lönnqvist et al. (2011)	0,93	0,914	0,943	29,75	0,000	
Bardi et al. (2013)	0,55	0,418	0,659	6,99	0,000	
Bardi et al. (2013).2	0,50	0,370	0,611	6,68	0,000	
Vecchione et al. (2016)	0,82	0,777	0,856	18,97	0,000	
Fixo	0,70	0,684	0,729			
Aleatório	0,69	0,473	0,828			
Q	294,7				0,000	
I ²	97,9					

Tabela. Medida de efeito e IC (95%) para estimulação

Nome dos estudos					Correlação (95% CI)	
	r	Limite inferior	Limite superior	Z	p	
Bardi et al. (2009)	0,65	0,608	0,688	22,08	0,000	
Bardi et al. (2009).2	0,69	0,587	0,771	9,51	0,000	
Bardi et al. (2009).3	0,41	0,259	0,541	5,00	0,000	
Lönnqvist et al. (2011)	0,87	0,841	0,894	23,92	0,000	
Bardi et al. (2013)	0,40	0,245	0,535	4,79	0,000	
Bardi et al. (2013).2	0,59	0,475	0,685	8,24	0,000	
Vecchione et al. (2016)	0,57	0,484	0,645	10,62	0,000	
Fixo	0,66	0,639	0,689			
Aleatório	0,62	0,471	0,747			
Q	136,4				0,000	
I ²	95,6					

Tabela. Medida de efeito e IC (95%) para hedonismo

Nome dos estudos					Correlação (95% CI)	
	r	Limite inferior	Limite superior	Z	p	
Bardi et al. (2009)	0,64	0,597	0,679	21,55	0,000	
Bardi et al. (2009).2	0,77	0,689	0,832	11,45	0,000	
Bardi et al. (2009).3	0,45	0,304	0,575	5,56	0,000	
Lönnqvist et al. (2011)	0,75	0,698	0,794	11,45	0,000	
Bardi et al. (2013)	0,58	0,454	0,684	7,49	0,000	
Bardi et al. (2013).2	0,63	0,523	0,718	9,02	0,000	
Vecchione et al. (2016)	0,59	0,503	0,662	11,11	0,000	
Fixo	0,65	0,622	0,674			
Aleatório	0,64	0,568	0,707			
Q	35,8				0,000	
I ²	83,2					

Tabela. Medida de efeito e IC (95%) para realização

Nome dos estudos					Correlação (95% CI)	
	r	Limite inferior	Limite superior	Z	p	
Bardi et al. (2009)	0,61	0,565	0,651	20,15	0,000	
Bardi et al. (2009).2	0,50	0,358	0,619	6,16	0,000	
Bardi et al. (2009).3	0,45	0,304	0,575	5,56	0,000	
Lönnqvist et al. (2011)	0,81	0,769	0,844	20,22	0,000	
Bardi et al. (2013)	0,44	0,290	0,569	5,34	0,000	
Bardi et al. (2013).2	0,54	0,416	0,644	7,35	0,000	
Vecchione et al. (2016)	0,57	0,484	0,645	10,62	0,000	
Fixo	0,61	0,589	0,644			
Aleatório	0,58	0,456	0,682			
Q	75,6				0,000	
I ²	92,0					

Tabela. Medida de efeito e IC (95%) para poder

Nome dos estudos					Correlação (95% CI)	
	r	Limite inferior	Limite superior	Z	p	
Bardi et al. (2009)	0,66	0,619	0,697	22,53	0,000	
Bardi et al. (2009).2	0,64	0,525	0,732	8,51	0,000	
Bardi et al. (2009).3	0,26	0,095	0,411	3,05	0,000	
Lönnqvist et al. (2011)	0,94	0,926	0,951	31,18	0,000	
Bardi et al. (2013)	0,52	0,383	0,635	6,52	0,000	
Bardi et al. (2013).2	0,63	0,523	0,718	9,02	0,000	
Vecchione et al. (2016)	0,51	0,416	0,593	9,22	0,000	
Fixo	0,69	0,674	0,719			
Aleatório	0,65	0,400	0,812			
Q	335,9				0,000	
I ²	98,2					

Tabela. Medida de efeito e IC (95%) para segurança

Nome dos estudos					Correlação (95% CI)	
	r	Limite inferior	Limite superior	Z	p	
Bardi et al. (2009)	0,58	0,532	0,624	18,83	0,000	
Bardi et al. (2009).2	0,53	0,393	0,644	6,62	0,000	
Bardi et al. (2009).3	0,31	0,149	0,455	3,68	0,000	
Lönnqvist et al. (2011)	0,87	0,841	0,894	23,92	0,000	
Bardi et al. (2013)	0,53	0,394	0,643	6,67	0,000	
Bardi et al. (2013).2	0,69	0,596	0,765	10,31	0,000	
Vecchione et al. (2016)	0,66	0,587	0,722	13,00	0,000	
Fixo	0,65	0,623	0,674			
Aleatório	0,63	0,463	0,750			
Q	147,3				0,000	
I ²	95,9					

Tabela. Medida de efeito e IC (95%) para conformidade

Nome dos estudos					Correlação (95% CI)	
	r	Limite inferior	Limite superior	Z	p	
Bardi et al. (2009)	0,68	0,641	0,715	23,56	0,000	
Bardi et al. (2009).2	0,50	0,358	0,619	6,16	0,000	
Bardi et al. (2009).3	0,43	0,281	0,568	5,28	0,000	
Lönnqvist et al. (2011)	0,97	0,963	0,976	31,54	0,000	
Bardi et al. (2013)	0,63	0,514	0,723	8,38	0,000	
Bardi et al. (2013).2	0,59	0,475	0,685	8,24	0,000	
Vecchione et al. (2016)	0,68	0,610	0,739	13,59	0,000	
Fixo	0,75	0,733	0,771			
Aleatório	0,71	0,422	0,867			
Q	502,7				0,000	
I ²	98,8					

Tabela. Medida de efeito e IC (95%) para tradição

Nome dos estudos					Correlação (95% CI)	
	r	Limite inferior	Limite superior	Z	p	
Bardi et al. (2009)	0,66	0,619	0,697	22,53	0,000	
Bardi et al. (2009).2	0,53	0,393	0,644	6,62	0,000	
Bardi et al. (2009).3	0,37	0,214	0,507	4,46	0,000	
Lönnqvist et al. (2011)	0,63	0,560	0,691	13,30	0,000	
Bardi et al. (2013)	0,50	0,369	0,618	6,21	0,000	
Bardi et al. (2013).2	0,69	0,596	0,765	10,31	0,000	
Vecchione et al. (2016)	0,75	0,693	0,798	15,95	0,000	
Fixo	0,64	0,612	0,665			
Aleatório	0,61	0,523	0,683			
Q	41,84				0,000	
I ²	85,6					

Avaliando as mudanças dos valores humanos longitudinalmente: testando a hipótese de plasticidade

Evaluating changes in human values longitudinally: testing the hypothesis of plasticity

Evaluando los cambios de los valores humanos longitudinalmente: probando la hipótesis de plasticidade

Avaliando os valores humanos longitudinalmente

Evaluating human values longitudinally

Evaluando los valores humanos longitudinalmente

Thiago Medeiros Cavalcanti

Valdiney Veloso Gouveia

Universidade Federal da Paraíba

Resumo. Fundamentado na *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos* o objetivo do estudo é avaliar as alterações que ocorrem neste construto em jovens adultos. Estudar as mudanças de valores sempre esteve em segundo plano nas pesquisas da área, sendo ainda escassas investigações que contribuem com a vertente. O propósito aqui é testar a hipótese de plasticidade valorativa, isto é, mudanças graduais no fenômeno ocorrem dentro da estrutura de seis quadrantes teorizada. Em um desenho longitudinal de quatro tempos com duração de vinte e sete meses participaram 214 estudantes universitários (63,4% do sexo feminino). Por meio do coeficiente de estabilidade constatou-se que essa característica é mais saliente nos valores. Todavia, testando modelos lineares e curvilíneos na *Latent Growth Curve Model* verificou mudanças nas subunções normativa ($slope = -0,05$; $p < 0,05$), experimentação ($slope = 0,10$; $p < 0,001$) e realização ($slope = -0,07$; $p < 0,001$), permitindo entender que os valores possuem algum grau de modificação. Em seguida o estudo examinou a estrutura nos tempos de mensuração pelo Escalonamento Multidimensional, e depois comparando seus índices na Análise Procrustes Generalizada, os resultados permitiram concluir que sua composição permanece inalterada com o tempo. Confia que hipótese de pesquisa foi corroborada, fornecendo importantes achados para a compreensão da estabilidade e mudança de valores.

Palavras-chave: valores humanos, mudança, estabilidade, estudo longitudinal

Abstract. Based on the *Functionalist Theory of Human Values* the aim of the study is to evaluate the changes that occur in this construct in adulthood. Studying changes in values has always been in the background in research in the area, and there is still little research that contributes. The purpose is to test the hypothesis of plasticity, that is, gradual changes in the phenomenon occur within the six-quadrant structure theorized. In a longitudinal design by 4 times with duration twenty seven months, participated 214 college students (63.4% female). Through the stability coefficient it was found that this characteristic is most salient in values. However, testing linear and curvilinear models in the Latent Growth Curve Model verified changes in the normative ($slope = -0,05$; $p < 0,05$), excitement ($slope = 0,10$; $p < 0,001$) and promotion ($slope = -0,07$; $p < 0,001$) values, allowing to understand that the values have some degree of modification. The study then examined the structure in the times of measurement by the Multidimensional Scheduling, and after comparing its indexes in the Generalized Procrustes Analysis, the results allowed to conclude that its composition remains unchanged with the time. Trusts that the research hypothesis was corroborated by providing important findings for understanding the stability and change of human values.

Keywords: human values, change, stability, longitudinal study

Introdução

A estabilidade e mudança dos valores humanos é uma temática à muito investigada (Rokeach, 1974). Entretanto, apenas recentemente uma atenção maior vêm sendo despendida para os fatores que proporcionam as modificações e em quais condições ocorre (Bardi, Lee, Hofmann-Towfih, & Soutar, 2009; Gouveia, Vione, Milfont, & Fischer, 2015). Deste modo, o presente estudo objetiva contribuir para a discussão a respeito da mudança dos valores humanos, testando a hipótese que os valores mudam, porém, sua estrutura permanece inalterada. Para tanto, considerará especificamente indivíduos que estão na fase de adultos emergentes (Arnett, 2014).

Na história dos estudos em valores humanos eles são considerados “relativamente estáveis” (Rokeach, 1973; p.11). Destacando que sua característica mais acentuada é a estabilidade (Bardi & Goodwin, 2011), sendo esta propriedade enfatizada em uma miríade de pesquisas (Schwartz, Melech, Lehmann, Burgess, Harris, & Owens, 2001; Eccles & Wigfield, 2002; Bardi & Schwartz, 2003; Gouveia, Milffont, & Guerra, 2014a; Monteiro, Medeiros, Pimentel, Soares, Medeiros, Gouveia, 2017). Possuir tal viés ajuda a considerar os valores como variáveis importantes para avaliar as diferenças individuais, podendo prever outros construtos (Bardi et al., 2009).

Apesar de não ser o principal objetivo, aferir as mudanças que ocorrem nos valores humanos esteve presente na literatura em caráter secundário. Inicialmente o interesse foi em macromudanças que ocorriam na sociedade estadunidense (Rokeach, 1979). Definindo que a sociedade deve mudar sua configuração de valores para lidar com mudanças de problemas adaptativos, porém, estabelecendo algum consenso mínimo, caso contrário, a ordem social pode ser rompida (Williams, 1979). Estudos experimentais também foram realizados na mesma época mas em menor proporção (Rokeach, 1974).

Propostas de intervenções valorativas específicas foram desenvolvidas, a exemplo da técnica de autoconfrontação (Rokeach, 1968, 1973). A ideia fundamentada nessa proposta é de que as modificações surgem quando os indivíduos vivenciam um estado de incompatibilidade entre seus valores e o comportamento, devido a novas informações ou por inconsistência na hierarquia. O método já passou por testagens, críticas e revisões (Kristiansen & Hotte, 1996; Grube, Mayton, & Ball-Rokeach, 1994). Apesar das defesas de adequação de Rokeach e seus colaboradores, a literatura mais atual encontrou escassas replicações da proposta ou uso em outros contextos.

Ampliando a visão inicial, as pesquisas contemporâneas em psicologia ressaltam as diferenças individuais. O foco está nas mudanças ao longo do desenvolvimento (Gouveia et al., 2015), a identificação de estrutura e formas de mudanças (Bardi et al., 2009; Bardi & Goodwin, 2011), os efeitos de eventos traumáticos (Verkasalo, Goodwin, & Bezmenova, 2006), a influência do priming (Maio, Pakizeh, Cheung, & Rees, 2009) e das necessidades (Cavalcanti, 2016).

Diante das possibilidades, o presente estudo investiga a mudança de valores associado a transformações que ocorrem no desenvolvimento de adultos emergentes (Arnett, 2014). Tal fase é marcada por um período transitório de emancipação e de adesão a novas regras sociais. Comumente inclui o ingresso no ensino superior, a entrada no mercado de trabalho, a emancipação dos pais ou cuidadores (Flanagan & Levine, 2010; Monahan, Steinberg, & Cauffman, 2009; Skivington, Vojt, Thomson, Fenton, Campbell, & Sweeting, 2016).

Desenvolvimento humano: adulto emergente

O conceito de maioridade (ou adulto emergente) como novo estágio do desenvolvimento humano (Arnett, 2014), inclui a influência de variáveis culturais, além do processo de maturação (Arnett & Padilla-Walker, 2015). No percurso da vida,

aproximadamente entre 18 a 25 anos, os indivíduos vivenciam maior nível de autonomia, novas experiências relacionadas a papéis sociais e expectativas quanto ao seu comportamento (Arnett, Žukauskienė, & Sugimura, 2014).

Comumente os adultos emergentes estão em um período de vida em que eles iniciam o ensino superior ou a formação profissional com uma duração prolongada, por consequência tendem a atrasar o casamento ou uma relação amorosa permanente. Estão mais livres do controle direto de pais e professores que caracterizam a infância e adolescência, permitindo descobrir diversas orientações de vida. Mais que qualquer outra fase, o futuro é incerto (Arnett, 2000).

Arnett (2004) propôs quatro características definidoras da identidade do adulto emergente. *Instabilidade*, o grande número de escolhas a serem realizadas e as inúmeras alternativas existentes leva a uma sobrecarga. *Autofoco*, na medida que ocorre a exploração das possibilidades, assume mais independência e responsabilidade voltadas para si. *Sensação de transição*, onde os indivíduos percebem que estão em um momento de mudanças específicas, pois não são mais adolescentes, porém, não assume todas as características de um adulto. *Experiência de possibilidades*, sendo este o elemento basilar do período, visto que os papéis assumidos remete a exploração de novas demandas.

As distinções do período fazem que os indivíduos atribuam importância a outros princípios que antes assumiam papel secundário (Gouveia et al., 2015). Os valores humanos podem ser compreendidos a partir de alterações que sofrem devido a mudanças e adaptações ao longo de toda a vida. Evidências indicam modificações a nível médio para o construto em diversas idades (Milfont, Milojev, & Sibbly, 2016; Vecchione, Schwartz, Alessandri, Döring, Castellani, & Caprara, 2016). Assim, os valores apresentam uma natureza dinâmica, sendo o mesmo descrito de maneira pormenorizada a seguir.

Valores humanos

Existem diversas teorias elaboradas com o intuito de compreender os valores humanos (Minkov & Hofstede, 2012; Inglehart, Puranen, & Welzel, 2015; Rokeach, 1973; Schwartz et al., 2012, Gouveia, 2013). Todas tentam oferecer bases universais para o entendimento de como o construto é organizado nos indivíduos, sua influência no comportamento e a relação estabelecida com a sociedade e cultura. Assume aqui os pressupostos e definição do modelo proposto por Gouveia (2003).

Elaborada no final do século XX no contexto espanhol (Gouveia, 1998), a *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos* ganhou corpo no início do atual século (Gouveia et al., 2015; Gouveia, Milfont, Fischer, & Choelho, 2009; Gouveia, 2013). Sendo assim, é a mais contemporânea teoria dos valores, não pretendendo ser uma contraposição aos seus antecessores, mas um modelo integrador, permitindo superar limitações e promover avanços. Neste sentido, vêm apresentando maior adequação empírica de sua estrutura quando comparado com outra teoria (ver Gouveia, Milfont, & Guerra, 2014b).

O principal foco da teoria são as funções dos valores. A propósito, Gouveia (1998) em revisão de literatura, identificou duas funções consensuais dos valores: (1) guiam as ações humanas (*tipo de orientação*); e (2) expressam suas necessidades (*tipo de motivador*). As duas funções compreendem eixos com uma formação *duplex* que origina uma estrutura 3 x 2. O eixo horizontal, *tipo de orientação*, possui três divisões: social, central e pessoal; o eixo vertical, *tipo de motivador*, divide-se em dois: materialista e humanitário. O cruzamento dos eixos acarreta seis quadrantes: (a) social-humanitário; (b) social-materialista; (c) central-humanitário; (d) central-materialista; (e) pessoal-humanitário; e (f) pessoal-materialista. Tais quadrantes são denominados subfunções valorativas nomeados respectivamente: *interativa*, *normativa*, *suprapessoal*, *existência*, *experimentação*, *realização*.

		Valores como padrão-guia de comportamentos		
		<i>Metas pessoais (o indivíduo por si mesmo)</i>	<i>Metas centrais (o propósito geral da vida)</i>	<i>Metas sociais (o indivíduo na comunidade)</i>
Valores como expressão de necessidades	<i>Necessidades idealistas (a vida como fonte de oportunidades)</i>	Experimentação Emoção Sexualidade Prazer	Suprapessoal Beleza Conhecimento Maturidade	Interativa Afetividade Apoio social Convivência
	<i>Necessidades materialistas (a vida como fonte de ameaça)</i>	Realização Êxito Poder Prestígio	Existência Estabilidade Saúde Sobrevivência	Normativa Obediência Religiosidade Tradição

Figura 1. Dimensões, funções e subunções dos valores básicos

A subfunção interativa, diz respeito às necessidades de pertença e amor (e.g. apoio social e convivência). A subfunção suprapessoal, por sua vez, refere-se aos indivíduos que pensam de forma mais abstrata (e.g. beleza e maturidade) e está localizado no eixo central. Formando a mesma linha horizontal que expressam as necessidades idealistas está a subfunção experimentação, remetendo a satisfação do prazer e a busca por novidades (e.g. emoção e sexualidade).

A subfunção normativa compreende a manutenção das normas, tradições e culturas, facilitando a vida em sociedade (e.g. obediência e tradição). A subfunção existência, faz menção às necessidades fisiológicas e necessidades de segurança (e.g. estabilidade pessoal e sobrevivência). Por último, a subfunção realização indica a procura por bens materiais e interações sociais prósperas (e.g. êxito e prestígio). Estas três subfunções representam as necessidades materialistas, orienta para metas concretas e regras normativas, em termos de condições biológicas de sobrevivência, enfatizando a própria existência e as condições que salvaguardada (Gouveia, 2013).

Os valores humanos formam um arcabouço geral que influencia, a nível automático, em escolhas, atitudes, comportamentos, nas diversas situações vivenciadas,

caracterizando como um plano geral de orientação. Quando se questiona alguém sobre seus princípios de vida, as respostas vão indicar os valores priorizados. No entanto, essas assertivas podem variar em função da idade e sexo (Gouveia, et al., 2015). A diferença ocorre devido as bases evolutivas dos seres humanos e suas condições ambientais. A Tabela 1 resume as proposições da teoria de Gouveia sobre o desenvolvimento dos valores.

Tabela 2. Fases com maior prioridade e características do desenvolvimento das subfunções

Subfunções	Maior nível de prioridade	Características
Experimentação	Jovens adultos	A importância deve diminuir com a idade, em parte devido a preocupações com outros problemas de vida (criar crianças, manter a carreira) e em parte devido à deterioração das habilidades sensoriais em adultos mais velhos.
Realização	Jovens adultos	Esses valores devem aumentar durante a idade adulta e depois diminuir com a idade, uma vez que os indivíduos alcançaram a estabilidade profissional.
Suprapessoal	Indivíduos mais velhos	Os valores aqui são susceptíveis a serem mais priorizados depois da idade adulta. Os mais velhos investem mais tempo na compreensão do que na otimização.
Existência	Adultos	Entre os adolescentes esses valores podem ser menores, mas devem aumentar substancialmente quando os indivíduos estão criando filhos, ou quando ocorre um maior nível de independência no qual o indivíduo precisa assegurar sua própria sobrevivência.
Interativa	Adolescentes e indivíduos mais velhos	Volta-se para as pessoas de todas as idades, porque estes valores socialmente orientados são essenciais para o bem-estar humano, independentemente da idade. Ao mesmo tempo, as conexões sociais podem tornar-se mais enfatizadas na velhice, como foi observado quanto ao caráter de conveniência ou na adolescência, quando ocorre o aumento da rede de contatos e o suporte dos pares.
Normativa	Crianças e indivíduos mais velhos	Espera-se que os valores normativos sejam relativamente elevados entre as crianças, diminuam para o menor nível entre os adolescentes, aumentam de forma constante até a idade adulta e atingem seu nível mais alto entre os grupos etários mais velhos.

Cabe ressaltar que um tipo de subfunção ser priorizada em determinada fase do desenvolvimento não significa que os outros valores não sejam importante, apenas que existe uma ênfase em direções específicas. O leitor precisa ter em conta que ao tratar de valores humanos um grande sistema está envolvido, e assim como uma máquina que suas engrenagem funcionam em cadeia, no sistema valorativo uma subfunção interfere na outra.

Entende-se portanto que a mudanças de valores não ocorre como fenômeno isolado do indivíduo, mas um processo de desenvolvimento global. Neste sentido, o ambiente em que o indivíduo está inserido e a cultura (Inglehart & Baker, 2000), os papéis assumidos (diferente de acordo com a idade e gênero) (Schwartz & Rubel 2005, Gouveia et al., 2015), o convívio social (Weinstock, Ganayiem, Igbaryia, Manago, & Greenfield, 2015), e certamente a personalidade, são fatores que interferem nesse processo.

Método

Trata-se de um estudo longitudinal realizado em quatro tempos. Com uma hipótese de pesquisa: *Plasticidade*, os valores humanos apresentam pequenas mudanças graduais que ocorrem dentro da estrutura de seis quadrantes teorizada.

Participantes

Os participantes são um coorte de um projeto de estudo longitudinal que objetivava investigar a relação de valores com altruísmo e comportamentos pró-ambientais. No nosso caso, contou com 214 universitários em quatro períodos de tempo diferente, a média de idade foi de 20,26 anos (DP = 4,67), 63,4% do sexo feminino, dos respondentes, 85,7% afirmaram que não estavam trabalhando. A coleta iniciou no primeiro semestre de 2012 com duração de 27 meses.

Instrumentos

Questionário dos Valores Básicos: Sua versão original conta com 66 itens (Gouveia, 1998), no entanto, a versão mais utilizada, e também adotada no estudo, é com 18 itens. Cada subfunção valorativa (*experimentação, realização, suprapessoal, existência, interativa e normativa*) possui três descritores, representando valores específicos. Tais descritores são respondidos em uma escala de sete pontos, entre 1 – *Totalmente não importante* e 7 – *Totalmente importante*. O respondente deve indicar a relevância de cada valor como princípio-guia na sua vida. Esta medida apresenta parâmetros psicométricos satisfatórios ($\chi^2= 949,75$, GFI=0,92, CFI= 0,81; RMSEA= 0,07; Medeiros, 2011), corroborando suas principais hipóteses

Questionário demográfico: Conjunto de variáveis que possibilitam a caracterização da amostra utilizada, tal como sexo, idade, estado civil e se está trabalhando.

Procedimento

O sistema de coleta de dados foi presencial e envolveu todos os cursos diurnos da Universidade Federal da Paraíba, ao total colaboraram alunos de 57 tipos de formação. No início de cada semestre letivo os colaboradores aplicavam o questionário no mesmo grupos de alunos, apresentando uma média de dois meses para concluir a aplicação em cada etapa. O tempo médio do emprego de cada questionário foi de seis meses entre os períodos de mensuração.

Como disposto na resolução 466/2012 do Conselho Nacional de saúde (vigente na época da pesquisa), foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assegurando aos participantes a voluntariedade e anonimato de sua participação. Ademais, foi explicado que os dados seriam tratados em conjunto e que poderia haver desistência da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo. O projeto obteve aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa – Plataforma Brasil. A administração do

questionário durou em média vinte minutos e foi gerenciada por colaboradores devidamente treinados, com o intuito de esclarecer possíveis dúvidas e organizar o ambiente de aplicação.

Análise de dados

Estatísticas descritivas

A média de cada subfunção valorativa para os quatro tempos avaliados foi realizada pelo software SPSS (versão 21). Além disso, computou-se o *d* de Cohen para analisar o tamanho do efeito entre os tempos.

Estabilidade da ordem de classificação

A forma mais utilizada para estudar a estabilidade dos valores humanos (Vecchione et al., 2016), é a medida de correlação entre as variáveis em dois tempos, quanto mais alto o grau de correlação, maior o nível estabilidade. Empregou o software SPSS (versão 21) para realizar os cálculos das correlações de *Pearson*.

Estabilidade em nível médio

Inicialmente testou a invariância em relação as subfunções valorativas nos quatro tempos, onde a Análise Fatorial Confirmatória (AFC) foi empregada para este fim. Três tipos foram avaliados: (1) invariância configural, a medida em que a estrutura do instrumento é plausível para os diferentes tempos analisados; (2) invariância métrica, presume que as cargas fatoriais de todos os itens do instrumento devam ser estatisticamente iguais, sendo aceito o pressuposto entende que os itens possuem relações idênticas com o construto; (3) invariância escalar, assegura que os escores estão relacionados com o traço latente dos indivíduos, independente do tempo (Damasio, 2013).

Em seguida empregou a curva de crescimento do traço latente (*Latent Growth Curve Model*) para avaliar a média de mudança de valores humanos ao longo do tempo. A LGC possui a finalidade de avaliar semelhanças entre os indivíduos usando uma combinação de variáveis latentes contínuas e categóricas para capturar a trajetória dos

indivíduos e classificar as pessoas em subgrupos. As variáveis contínuas, o intercepto (nível inicial) e *slope* (taxa de mudança ao longo do tempo), representam os fatores latente da linha de regressão (Park & Schutz, 2005)

Três modelos foram testados. O primeiro é o linear, ao contrário de uma regressão simples ou uma análise de equações estruturais usual, as cargas fatoriais são todas fixadas em 1 para o intercepto, e em 0, 1, 2, 3, para o *slope* [Tempo 1: $V1_i = \text{Intercept}_i + (0) \times (\text{Slope}_i) + e1_i$; Tempo 2: $V2_i = \text{Intercept}_i + (1) \times (\text{Slope}_i) + e2_i$; Tempo 3: $V3_i = \text{Intercept}_i + (2) \times (\text{Slope}_i) + e3_i$; Tempo 4: $V4_i = \text{Intercept}_i + (3) \times (\text{Slope}_i) + e4_i$]. Dessa forma é possível traçar uma trajetória linear e verificar o ajuste dos dados (Muthen, 2004)

Este modelo básico pode ser expandido de várias formas. Modificando os coeficientes no *slope* e adicionando mais um fator de mudança, é possível especificar um modelo curvilíneo. Neste caso a segunda trajetória avaliada é a quadrática, para isso as cargas fatoriais do fator inclinação são alteradas para 0, 1,4 e 9 (0^2 , 1^2 , 2^2 , 3^2). Devido a essa alteração e a inclusão do fator quadrático esse modelo é denominado polinomial. O último tipo analisado é o de curva não especificada, isto é, as cargas fatoriais do *slope* são estimadas livremente (McArdle, 1988). No nosso caso específico o tempo 1 e 4 foram fixados para manter a trajetória de crescimento. Este modelo é importante pois descreve as taxas de alteração que podem ser diferentes em cada intervalo de tempo. Todas as estatísticas realizadas para avaliar a estabilidade em nível médio foram calculadas por meio do software *Mplus* (Versão 6.11).

Estabilidade da estrutura

Com o intuito de verificar se a estrutura de valores possui alguma mudança ao longo do tempo procederam-se com análises de escalonamento multidimensional confirmatório (MDS com algoritmo *Proxscal*). No caso comparou a estrutura dos valores humanos no primeiro momento (T1) com a configuração obtida em cada etapa da pesquisa (T2, T3, T4), sendo empregado o Phi de Tucker para estimar o ajuste global

desta imposição (restrição), o *software* SPSS (versão 21) foi utilizado para a realização desta análise. Em seguida, para conseguir coordenadas comparáveis, submeteram-se as estruturas à Análise Procrustes Generalizada (GPA; *Generalized Procrustes Analysis*) que possibilitou a comparação entre os tempos.

Resultados

Estatísticas descritivas

Estes resultados são importantes pois fornecem os achados preliminares da variações ao longo do tempo. Na prática, todas as avaliações seguinte tem como base a média das subfunções. Neste sentido, pode ser observado que as maiores diferenças encontra-se entre o primeiro e o último tempo, na mesma direção foram encontrados os maiores efeitos, especificamente nos valores pessoais

Tabela 3. Média das subfunções nos quatro tempos e o tamanho do efeito

	Tempo 1		Tempo 2		Tempo 3		Tempo 4		d Cohen					
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	T1-T2	T1-T3	T1-T4	T2-T3	T2-T4	T3-T4
A	5,38	1,18	5,29	1,16	5,27	1,21	5,24	1,25	0,07	0,08	0,11	0,02	0,06	0,02
B	5,70	0,79	5,71	0,77	5,68	0,82	5,71	0,83	0,02	0,02	0,01	0,04	0,01	0,03
C	6,16	0,64	6,18	0,69	6,13	0,77	6,18	0,70	0,02	0,04	0,03	0,06	0,01	0,07
D	5,64	0,74	5,71	0,75	5,70	0,73	5,59	0,73	0,09	0,08	0,06	0,01	0,16	0,15
E	4,91	0,89	4,73	0,92	4,71	0,88	4,67	0,94	0,20	0,22	0,26	0,02	0,06	0,04
F	4,65	1,02	4,81	0,96	4,90	0,98	4,95	1	0,17	0,25	0,30	0,09	0,14	0,05

Nota: A = Normativa; B = Interativa; C = Existência; D = Suprapessoal; E = Realização; F = Experimentação

Estabilidade da ordem de classificação

A Tabela 3 apresenta os resultados das correlações longitudinais (teste-reteste), indicando que as magnitudes são predominantemente moderadas e altas. Entretanto, as mais baixas são encontradas para a subfunção existência entre T1-T3 ($r = 0,32$; $p < 0,001$) e T1-T4 ($r = 0,33$; $p < 0,001$), no mesmo sentido que indica as análises descritivas. Comumente as correlações são consideradas indicadores confiáveis para precisão da medida, sugerindo de maneira geral maior estabilidade no valores humanos. Não obstante, pequenas mudanças podem ser sistemáticas e significativas ao longo do tempo, sugerindo que as modificações ocorrem de maneira gradual.

Tabela 4. Correlações das subfunções nos quatro tempos

	T1 – T2		T2-T3		T3-T4		T1-T3		T1-T4		T2-T4	
	r	IC95%	R	IC95%	r	IC95%	R	IC95%	R	IC95%	r	IC95%
A	0,78	0,72-0,82	0,73	0,66-0,78	0,80	0,74-0,84	0,65	0,56-0,72	0,65	0,56-0,72	0,70	0,65-0,72
B	0,38	0,26-0,48	0,44	0,32-0,54	0,56	0,46-0,64	0,37	0,25-0,48	0,38	0,26-0,48	0,50	0,39-0,59
C	0,41	0,29-0,51	0,45	0,33-0,55	0,50	0,39-0,59	0,32	0,20-0,43	0,33	0,20-0,44	0,49	0,38-0,58
D	0,57	0,47-0,65	0,56	0,46-0,65	0,53	0,42-0,62	0,45	0,33-0,55	0,40	0,28-0,50	0,50	0,39-0,59
E	0,57	0,47-0,65	0,56	0,46-0,65	0,60	0,50-0,67	0,46	0,34-0,56	0,50	0,39-0,59	0,52	0,41-0,61
F	0,66	0,57-0,72	0,66	0,57-0,72	0,65	0,56-0,72	0,52	0,41-0,61	0,48	0,37-0,57	0,62	0,53-0,69

Nota: A = Normativa; B = Interativa; C = Existência; D = Suprapessoal; E = Realização; F = Experimentação; Todas as correlações apresentaram $p < 0,001$.

Estabilidade em nível médio

Avaliar a invariância de uma medida é fundamental para assegurar as propriedades psicométricas de um instrumento em diferentes condições, em estudos longitudinais tais categorias refere-se aos diferentes tempos analisados (Spurk, Abele & Volmer, 2011). Para garantir equidade dos parâmetros dos modelos comparados, três diferentes tipos de invariância foram testados. Os índices de ajuste dos modelos nas invariâncias configural, métrica e escalar foram satisfatórios (CFI e $TLI \geq 0,90$; $RMSEA \leq 0,08$), como pode ser observado na Tabela 3. Estima a

partir desses resultados ser confiável metricamente comparar as subfunções valorativas nos quatro tempos analisados, assegurando a realização da curva de crescimento do traço latente.

Tabela 5. Índices de ajuste da invariância configural, métrica e escalar nas subfunções

	Configural				Métrica				Escalar			
	CFI	TLI	RMSEA (IC95%)	χ^2 (df)	CFI	TLI	RMSEA (IC95%)	χ^2 (df)	CFI	TLI	RMSEA (IC95%)	χ^2 (df)
A	0,99	0,98	0,03 (0,00 – 0,06)	38,62 (30)	0,99	0,98	0,03 (0,00 – 0,06)	45,43(36)	0,99	0,98	0,03 (0,00 – 0,06)	49,54 (40)
B	1	1	0,00 (0,00 – 0,03)	21,58 (30)	1	1	0,00 (0,00 – 0,01)	24,42(36)	1	1	0,00 (0,00 – 0,02)	28,75(40)
C	0,98	0,97	0,02 (0,00 – 0,06)	34,52(30)	0,91	0,83	0,07 (0,04 – 0,09)	74,19 (36)	0,94	0,91	0,05 (0,02 – 0,07)	62,73(40)
D	0,96	0,93	0,04 (0,00 – 0,07)	43,60 (30)	0,95	0,92	0,05 (0,02 – 0,07)	55,09(36)	0,94	0,90	0,05 (0,03 – 0,07)	65,33(40)
E	0,96	0,92	0,05 (0,02 – 0,08)	49,82 (30)	0,91	0,83	0,08 (0,06 – 0,10)	87,33 (36)	0,96	0,94	0,05 (0,02 – 0,07)	61,21(40)
F	0,99	0,97	0,03 (0,00 – 0,06)	37,57 (30)	0,98	0,96	0,04 (0,00 – 0,07)	50,99(36)	0,98	0,98	0,03 (0,00 – 0,06)	49,07(40)

Nota: A = Normativa; B = Interativa; C = Existência; D = Suprapessoal; E = Realização; F = Experimentação

Os índices de ajuste dos três modelos testados encontra-se na Tabela 4, de forma geral foram satisfatório ($CFI \geq 0,97$; $RMSEA \leq 0,08$). As exceções são para os valores de experimentação ($RMSEA = 0,12$) e realização ($RMSEA = 0,14$) na curva quadrática. Além disso, as diferenças do qui-quadrado e grau de liberdade ($\Delta \chi^2$), foram significativos ($p < 0,001$) para todas as comparações dos modelos (a tabela com os resultados

está no apêndice). Este dados permitem identificar qual a melhor trajetória que representa o desenvolvimento de cada subfunção. No entanto, somente a média dos interceptos e *slopes* indicam se existiu mudanças e o seu grau.

Tabela 6. Índices de ajuste dos modelos linear, quadrático e o de curva não especificada

Subfunções	Linear			Quadrática			Curva não especificada		
	χ^2 (df)	CFI	RMSEA	χ^2 (df)	CFI	RMSEA	χ^2 (df)	CFI	RMSEA
Normativa	7,822(5)	0,99	0,051	1,269(1)	1	0,035	1,967(3)	1	0,000
Interativa	0,707(5)	1	0,000	0,188(1)	1	0,000	0,619(3)	1	0,000
Existência	3,985(5)	1	0,000	0,446(1)	1	0,000	1,277(3)	1	0,000
Suprapessoal	10,211(5)	0,98	0,070	0,022(1)	1	0,000	10,177(3)	0,97	0,085
Experimentação	5,292(5)	0,99	0,017	4,568(1)	0,99	0,129	0,520(3)	1	0,000
Realização	8,820(5)	0,98	0,060	5,714(1)	0,98	0,148	1,399(3)	1	0,000

Nos modelos simples de uma classe (linear e o da curva não especificada) existem dois fatores de crescimento. O ponto inicial médio para os indivíduos (intercepto), isto é, o nível de partida das modificações; e a taxa média de mudança ao longo tempo (*slope*). No entanto, no modelo quadrático existe a inclusão de outro fator, o *slope* quadrático. Nesta curva a inclinação linear muda de significado, correspondendo a direção da mudança; um termo negativo indica que a função quadrática possui uma diminuição inicial e depois um aumento, o termo positivo possui um

aumento inicial seguido de uma diminuição. Além disso, magnitudes altas do *slope* linear apontam para mudanças iniciais rápidas acompanhada por uma diminuição gradual, enquanto que estimador baixos indicam aceleração (sinal negativo) ou desaceleração (sinal positivo) ao longo do tempo (Singer & Willet, 2003).

O *slope* quadrático é a taxa de mudança ao longo tempo. Quanto maior o indicador mais elevada a curvatura de acordo com o tempo, apresentando a mesma interpretação que o *slope* linear nos modelos de uma classe. Importante notar que o sinal do termo quadrático sempre será oposto ao linear devido a sua função parabólica, a Tabela 5 apresenta esses resultados. Observa-se que os *slopes* significativos diz respeito aos valores normativos, realização e experimentação, nesta última subfunção o modelo mais ajustado é o de curva não especificada, nos outros prevaleceu o linear.

Tabela 7. Média dos intercptos e slopes

Subfunções	Linear		Quadrática			Curva não especificada	
	Intercepto	Slope	Intercepto	Slope	Quadrático slope	Intercepto	Slope
Normativa	5,36**	-0,05*	5,36**	-0,04	0,00	5,37**	-0,04
Interativa	5,70**	0,00	5,71**	-0,02	0,00	5,70	-0,00
Existência	6,16**	0,00	6,17**	-0,02	0,00	6,16**	0,00
Suprapessoal	5,67**	-0,02	5,64**	0,03	-0,00	5,671**	-0,01
Experimentação	4,69**	0,10**	5,66**	0,35*	-0,49	4,99**	0,41**
Realização	4,87**	-0,07**	4,87**	-0,07*	0,00	4,922**	-0,07**

Nota: * $p < 0,05$; ** $p < 0,001$

Ressalta que no caso dos valores normativos e de realização ocorreu um decréscimo de sua importância de forma linear. Quanto a subfunção experimentação sua priorização aumentou com o decorrer do tempo de forma crescente, sendo o maior *slope* encontrado (0,41). Esses resultados podem ser comparados visualmente pela Figura 1. Ela também apresenta a trajetória das outras subfunções que não indicaram mudanças significativas, no caso, percebe-se que as médias mais elevadas são encontrados nos valores centrais.

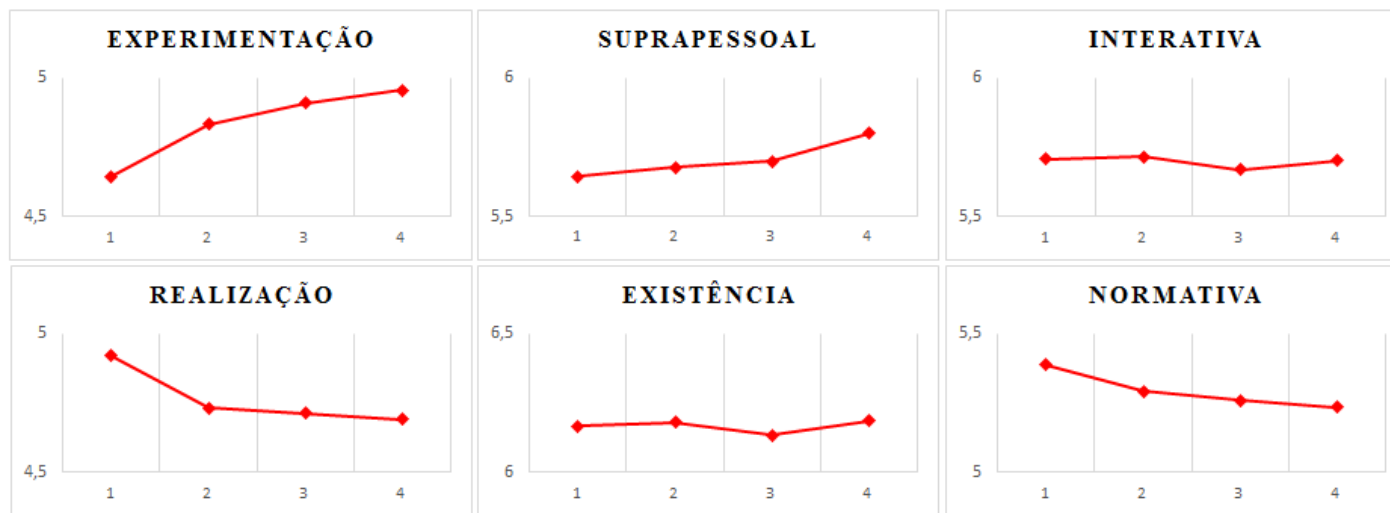


Figura 2. Gráficos dos slopes das seis subfunções

Estabilidade da estrutura

A proposta da estrutura de valores de acordo com a teoria funcionalista são de duas dimensões principais. A do tipo de orientação apresenta três eixos (pessoal, central e social) com duas subfunções de representação; a segunda é o tipo de motivador (humanitário e materialista), possuindo três subfunções de correspondência. Neste sentido, a mudança que ocorre nos valores humanos devem refletir esta estrutura, ocorrendo na mesma direção espacialmente. A Figura 3 apresenta o resultado para o tempo 1, ele foi tido como referência para a comparação das coordenadas nos.

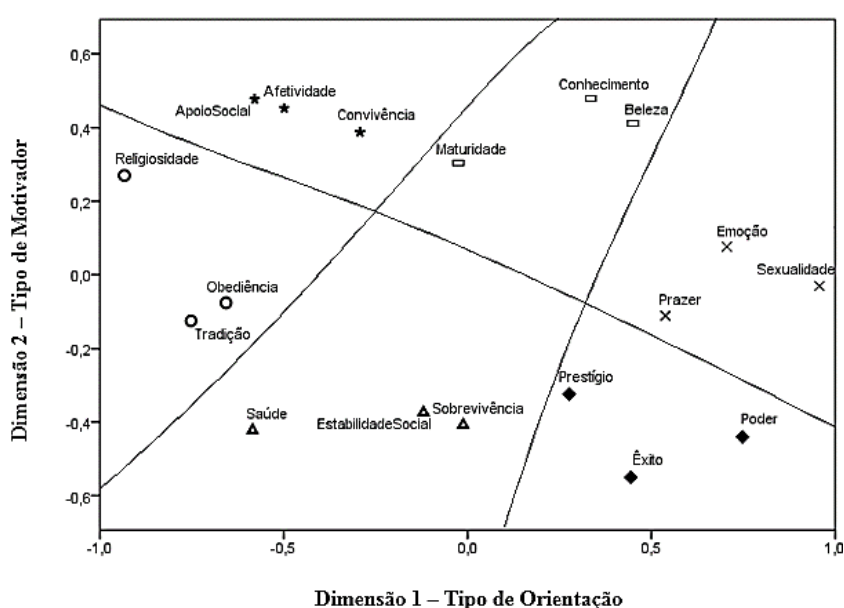


Figura 3. MDS do Tempo 1 tempos seguintes por meio do GPA

A Tabela 7 indica que a média do stress bruto foi de 0,117, variando de 0,099 (Segundo momento) a 0,133 (Quarto momento). No caso do ajuste de cada configuração individual, o valor médio do Phi de Tucker foi de 0,97, variando de 0,969 (quarto momento) a 0,974 (segundo momento). Percebeu-se ainda que o ajuste total médio se situou em 0,981, com todos os momentos apresentando valores superiores a 0,90. Neste sentido, considera-se que os resultados apresentam evidências complementares de adequação da estrutura teórica, que pressupõe um modelo com três tipos de orientação

(pessoal, central e social) e dois tipos de motivador (idealista e materialista), nos quatro momentos avaliados.

Tabela 8. Análise Procrustes (GPA) para comparar estruturas nos quatro tempos

Tempo	GPA		Tucker's Coefficient of Congruence	S-stress
	Total fit	Total loss		
Segundo momento	0,973	0,027	0,974	0,099
Terceiro momento	0,973	0,026	0,973	0,110
Quarto momento	0,998	0,001	0,969	0,133
Primeiro momento			0,971	0,126

Discussão

Pensar sobre as mudanças que ocorrem nos valores humanos implica avaliar o próprio desenvolvimento humano. Neste sentido tradicionalmente três vias podem percorrer esse processo: (1) maturação biológica; (2) influência de eventos sociais; (3) interacionista (Papalia & Feldman, 2013). O presente estudo está inserido na terceira vertente, no qual tentou avaliar o padrão de mudança em jovens adultos. Entende portanto que alterações próprias de cada fase do desenvolvimento está em constante relação com as experiências típicas vivenciadas de acordo com o ciclo vital.

Os valores não mudam apenas como resultado do desenvolvimento humano, mas também como resposta a eventos atípicos na vida dos indivíduos. A exemplo de acontecimentos como migração (Lönnqvist, Jasinskaja-Lahti, & Verkasalo, 2011), de novo padrão de educação ou carreira profissional (Bardi, Buchanan, Goodwin, Slabu, & Robinson, 2014), e o impacto de ataques terroristas (Verkasalo, Goodwin, & Bezmenova, 2006). Alterações por essa via mostra a natureza psicossocial do construto e sua maleabilidade diante dos acontecimentos contextuais.

A maioria das pesquisas que tratam das mudanças de valores ao longa da vida, usam coortes transversais comparando diversas idades (Gouveia et al., 2015), ou longitudinalmente avaliando tempos com intervalos de anos (Milfont et al., 2016;

Vecchione et al., 2016). Nosso estudo verificou alterações com uma média de seis meses entre as mensurações, podemos falar assim em micromudanças valorativas, isto é, pequenas alternâncias que ocorrem nas prioridades de forma gradual. Representam desta forma o processo de variação até atingir modificações mais acentuadas. A hipótese de plasticidade da investigação trata justamente dessas micromudanças que ocorrem em cada fase do desenvolvimento.

Hipótese de plasticidade

A hipótese do estudo foi corroborada. Como foi constatado nas correlações teste-reteste realizadas entre as subfunções ao longo dos quatro tempos, a estabilidade é a característica mais proeminente. Este resultado é teoricamente esperado (Gouveia, 2013) e amplamente encontrado em outras pesquisas empíricas (Bardi et al., 2009; Bardi & Goodwin, 2011). Dizer que os valores são mais estáveis não significa afirmar que eles não podem mudar, mas que esse processo é mais difícil e lento. O mesmo ocorre quando se avalia as mudanças de personalidade (Roberts, Walton, & Viechtbauer, 2006.).

O eixo que não foi encontrado nenhuma mudança das subfunções que o formam foi o central. Tais valores dizem respeito à importância da estabilidade e segurança para garantir a sobrevivência (existência), e o endosso de comportamentos voltados para atividades de cunho mais cognitivo, apreciação da vida e a preocupação com um crescimento pessoal mais profundo (suprapessoal) (Gouveia, 2013). Na prática tais valores indicam características fundamentalmente humanas, que não são opostas, mas na verdade se complementam.

A propósito, as médias mais elevadas encontradas no estudo, em relação a todas as subfunções, dizem respeito a estas duas. Seu nível de estabilidade elevado também foi constatado quando comparado em diversas fases do desenvolvimento, possuindo mudanças bastante discretas (ver Gouveia et al., 2015). Quando se trata de micromudanças sua

rigidez garante um equilíbrio psíquico necessário para fornecer suporte para as modificações dos outros valores.

Considerando os pessoais foi possível identificar mudanças na subfunção normativa. Os valores neste quadrante refere ao ajustamento as normas sociais, a priorização de elementos mais tradicionais da cultura que foram apreendidos por meio da socialização com a família e os pares (Gouveia, Milfont, & Guerra, 2014a). No caso, ocorreu uma trajetória linear negativa, sugerindo que os jovens adultos tendem a desvincular de aspectos mais regulamentados de sua formação. A busca por uma maior autonomia, questionamento de leis, normas e diretrizes são comportamentos que estão associados com o início desta fase do desenvolvimento (Arnett, 2014).

Decorre deste resultado que as mudanças de princípios é um processo natural, associado ao amadurecimento dos indivíduos ao longo do ciclo vital. A estabilidade dos valores interativos apontam para uma harmonia de questões do convívio social. Não significar dizer que não há uma preocupação com a formação de laços sociais ou a busca pelo estabelecimento de vínculos amorosos típicos desta idade, mas que estas exigências são consolidadas como importante para os indivíduos, sem variações nesta fase. A propósito, as maiores mudanças encontradas para estes valores foi no início da adolescência e da velhice, com um crescimento linear positivo (Gouveia et al., 2015).

Os valores sociais apresentaram modificações para as duas subfunções. Quanto a experimentação, que diz respeito a ênfase na busca de sensações, aventuras e maior importância a sexualidade (Gouveia, 2013), ocorreu um elevação de sua importância. O melhor modelo que explicou essa mudança foi de curva não especificada, neste sentido os *slopes* devem ser interpretados como alterações em tempos específicos, no caso a acentuação foi entre os Tempos 1 e 4. Entende portanto que no início até a metade do curso os universitários tenderam a torna estes valores mais marcantes. Aliás, devido ao

alto *slope* encontrado, a maior micromudança valorativa encontrada ao longo do tempo foi nesta subfunção.

O resultado para experimentação já era estimado. O início da fase adulta é marcado pela procura de maior autonomia (como exibido na diminuição dos valores normativos), e a possibilidade de vivenciar a própria liberdade. Neste caso, reflete uma fase marcante na exploração do mundo (Arnett & Padilla-Walker, 2015). A subfunção realização apresentou uma trajetória linear negativa, contrário ao esperado (ver Gouveia et al., 2015). Tais valores estão relacionados com a priorização de conquistas pessoais, com considerável interesse no sucesso. Tendo em conta que foi uma micromudança, o efeito pode ser uma resposta as dificuldades iniciais encontradas na entrada no ensino superior, marcada por agravos a saúde mental e sentimentos de incapacidade (Eisenberg, Hunt, & Speer, 2013).

Avaliando o gráfico da Figura 2 observou que a queda proeminente para realização ocorreu entre o Tempo 1 e 2, em seguida a diminuição foi discreta, aludindo em um *slope* pequeno, ou seja, a curva é menos acentuada. Neste sentido, considerando esta subfunção e a normativa, os baixos índices de alteração ao longo tempo apontam para micromudanças mais graduais, que podem vir a ser acentuadas quando avaliado em tempo de mensuração maior. Experimentação já se destacou por uma curva saliente quando livremente estimada, isto é, quando avaliada principalmente o primeiro e último tempo, mas linearmente sua mudança também é paulatina.

Analisando a estrutura completa e não mais as subfunções isoladamente, nota que as mudanças ocorreram no sentido de manter uma proporcionalidade do sistema valorativo. A análise procrustes generalizada indicou que a estrutura valorativa permaneceu como teorizada ao longo do tempo, com um nível de perda de compatibilidade bastante reduzido. No caso, compreende que as mudanças que

acontecem com os valores humanos advêm dentro da estrutura com seis quadrantes. Portanto, confia-se que a hipótese de plasticidade é coerente, visto que os valores humanos mudam, porém, mantendo sua composição.

Limitações

A principal limitação da pesquisa é o tamanho amostral. A realização de um estudo longitudinal clássico leva a um número de mortalidade elevado, devido as dificuldades de encontrar os mesmos participantes dispostos a contribuir com todos os tempos de mensuração. Neste sentido, a testagem de modelos mais complexos com a inclusão de covariáveis torna-se mais passível de sofrer com o erro do tipo 2. Ressalta no entanto que este fato não interferiu para corroborar a hipótese de pesquisa, além disso, investigações sobre mudanças de valores longitudinalmente com número de participantes similar já é encontrado na literatura (Vecchione et al., 2016).

Direções futuras

O estudo de mudanças de valores sempre ficou em segundo plano. O número de respostas é inferior ao de perguntas que ainda precisam de investigações, destacamos três aqui: (1) Qual a relação entre as mudanças de valores e personalidade? (2) Como ocorre esse processo em crianças com menos de 12 anos? (3) É possível induzir modificações? As pesquisas sobre as modificações de personalidade é mais consolidado na literatura (Roberts et al., 2006), com eles podemos aprender como variáveis com natureza estável pode ser alterada. Certamente o estudo de valores em crianças é reduzido quando comparado com outras amostras, entender este processo no início do desenvolvimento auxilia para prever modificações em outros estágios. Além disso, encontrar uma forma no qual os valores podem ser manipulados para direções específicas é um interesse antigo (Rokeach, 1974), todavia, o que possui menos consenso.

Por ser a estabilidade a característica mais proeminente nos valores, não significa negar que as mudanças ocorram, mas que elas são mais difíceis e sensíveis de serem

detectadas. Mudar os princípios que guia nossos comportamentos não é uma tarefa fácil, mas na maior parte é involuntária, um processo natural de resposta ao meio. Conhecer esse processo é entender melhor como ser humano se adapta e amadurece. Certamente esse procedimento é um dos maiores desafios da atualidade para os estudiosos dos valores, que apesar de reconhecer a importância, pouco se detiveram.

Referências

- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American psychologist*, 55, 469 – 480.
- Arnett, J. J. (2004). *Emerging Adulthood: The Winding Road from the Late Teens Through the Twenties*. Oxford: University Press.
- Arnett, J. J. (2014). Presidential address: The emergence of emerging adulthood: A personal history. *Emerging Adulthood*, 2, 155-162.
- Arnett, J. J., & Padilla-Walker, L. M. (2015). Brief report: Danish emerging adults' conceptions of adulthood. *Journal of adolescence*, 38, 39-44.
- Arnett, J. J., Žukauskienė, R., & Sugimura, K. (2014). The new life stage of emerging adulthood at ages 18–29 years: Implications for mental health. *The Lancet Psychiatry*, 1, 569-576.
- Bardi, A., & Goodwin, R. (2011). The dual route to value change: Individual processes and cultural moderators. *Journal of cross-cultural psychology*, 42, 271-287.
- Bardi, A., & Schwartz, S. H. (2003). Values and behavior: Strength and structure of relations. *Personality and social psychology bulletin*, 29, 1207-1220.
- Bardi, A., Buchanan, K. E., Goodwin, R., Slabu, L., & Robinson, M. (2014). Value stability and change during self-chosen life transitions: Self-selection versus socialization effects. *Journal of personality and social psychology*, 106, 131 – 153.
- Bardi, A., Lee, J. A., Hofmann-Towfigh, N., & Soutar, G. (2009). The structure of intraindividual value change. *Journal of personality and social psychology*, 97, 913 – 927.
- Cavalcanti, T. M. (2016). A natureza dos valores humanos: Evidências acerca das necessidades psicológicas. (Dissertação de Mestrado não publicada). Departamento de Psicologia, UFPB, João Pessoa, PB.

- Damásio, B. F. (2013). Contribuições da Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFCMG) na avaliação de invariância de instrumentos psicométricos. *Psico-USF*, 18, 211-220.
- Eccles, J. S., & Wigfield, A. (2002). Motivational beliefs, values, and goals. *Annual review of psychology*, 53, 109-132.
- Eisenberg, D., Hunt, J., & Speer, N. (2013). Mental health in American colleges and universities: variation across student subgroups and across campuses. *The Journal of nervous and mental disease*, 201, 60-67.
- Flanagan, C., & Levine, P. (2010). Civic engagement and the transition to adulthood. *The future of children*, 20, 159-179.
- Gouveia, V. V. (1998). *La naturaleza de los valores descriptores del individualismo y del colectivismo: Una comparación intra e intercultural*. (Tese de Doutorado não publicada) Departamento de Psicologia Social, Universidade Complutense de Madri, Espanha.
- Gouveia, V. V. (2003). A natureza motivacional dos valores humanos: Evidências acerca de uma nova tipologia. *Estudos de psicologia*, 8, 431-443.
- Gouveia, V. V. (2013). *Teoria funcionalista dos valores humanos: fundamentos, aplicações e perspectivas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., & Guerra, V. M. (2014a). Functional theory of human values Testing its content and structure hypotheses. *Personality and Individual Differences*, 60, 41 – 47
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., & Guerra, V. M. (2014b). The functional theory of human values: From intentional overlook to first acknowledgement—A reply to Schwartz (2014). *Personality and Individual Differences*, 68, 250 - 253.

- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., Fischer, R., & Coelho, J. A. P. M. (2009). Teoria funcionalista dos valores humanos: Aplicações para organizações. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 10, 67 – 83.
- Gouveia, V. V., Vione, K. C., Milfont, T. L., & Fischer, R. (2015). Patterns of value change during the life span: Some evidence from a functional approach to values. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 41, 1276-1290.
- Grube, J. W., Mayton, D. M., & Ball-Rokeach, S. J. (1994). Inducing change in values, attitudes, and behaviors: Belief system theory and the method of value self-confrontation. *Journal of social issues*, 50, 153-173.
- Inglehart, R. F., Puranen, B., & Welzel, C. (2015). Declining willingness to fight for one's country: The individual-level basis of the long peace. *Journal of Peace Research*, 52, 418-434.
- Inglehart, R., & Baker, W. E. (2000). Modernization, cultural change, and the persistence of traditional values. *American sociological review*, 32, 19-51.
- Kristiansen, C. M., & Hotte, A. M. (1996). Morality and the self: Implications for the when and how of value-attitude-behavior relations. In *The psychology of values: The Ontario symposium* (pp. 77-105). Hillsdale: Erlbaum.
- Lönnqvist, J. E., Jasinskaja-Lahti, I., & Verkasalo, M. (2011). Personal values before and after migration: A longitudinal case study on value change in Ingrian–Finnish migrants. *Social Psychological and Personality Science*, 2, 584-591.
- Maio, G. R., Pakizeh, A., Cheung, W. Y., & Rees, K. J. (2009). Changing, priming, and acting on values: effects via motivational relations in a circular model. *Journal of personality and social psychology*, 97, 699 – 723.

- Medeiros, E. D. (2011). *Teoria funcionalista dos valores humanos: Testando sua adequação intra e interculturalmente*. (Tese de Doutorado não publicada). Departamento de Psicologia, UFPB, João Pessoa, PB.
- McArdle, J. J. (1988). Dynamic but structural equation modeling of repeated measures data. In R. B. Cattell & J. Nesselroade (Eds.), *Handbook of multivariate experimental psychology* (pp. 561–614). New York: Plenum
- Milfont, T. L., Milojev, P., & Sibley, C. G. (2016). Values stability and change in adulthood: A 3-year longitudinal study of rank-order stability and mean-level differences. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 42, 572-588.
- Minkov, M., & Hofstede, G. (2012). Hofstede's fifth dimension: New evidence from the World Values Survey. *Journal of cross-cultural psychology*, 43, 3-14.
- Monahan, K. C., Steinberg, L., & Cauffman, E. (2009). Affiliation with antisocial peers, susceptibility to peer influence, and antisocial behavior during the transition to adulthood. *Developmental psychology*, 45, 1520 -1546.
- Monteiro, R. P., Medeiros, E. D. D., Pimentel, C. E., Soares, A. K. S., Medeiros, H. A. D., & Gouveia, V. V. (2017). Valores humanos e bullying: idade e sexo moderam essa relação? *Temas em Psicologia*, 25, 1317-1328.
- Muthen, B. (2004). Latent variable analysis: Growth mixture modeling and related techniques for longitudinal data. In D. Kaplan (Ed.); *The Sage handbook of quantitative methodology for the social sciences* (pp. 345-370). Thousand Oaks: Sage Publishing Co.
- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed.

- Park, I., & Schutz, R. W. (2005). An Introduction to latent growth model: analysis of repeated measures physical performance data. *Research quarterly for exercise and sport*, 76, 176-192.
- Roberts, B. W., Walton, K. E., & Viechtbauer, W. (2006). Patterns of mean-level change in personality traits across the life course: a meta-analysis of longitudinal studies. *Psychological bulletin*, 132, 1 – 25.
- Rokeach, M (1979). *Understanding Human Values*. New York: Free Press
- Rokeach, M. (1968). Beliefs, attitudes and values: A theory of organization and change. New York: Jossey-Bass.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.
- Rokeach, M. (1974). Change and stability in American value systems, 1968-1971. *Public Opinion Quarterly*, 38, 222-238.
- Schwartz, S. H., & Rubel, T. (2005). Sex differences in value priorities: Cross-cultural and multimethod studies. *Journal of personality and social psychology*, 89, 1010 - 1027.
- Schwartz, S. H., Cieciuch, J., Vecchione, M., Davidov, E., Fischer, R., Beierlein, C., ... & Dirilen-Gumus, O. (2012). Refining the theory of basic individual values. *Journal of personality and social psychology*, 103, 663- 688.
- Schwartz, S. H., Melech, G., Lehmann, A., Burgess, S., Harris, M., & Owens, V. (2001). Extending the cross-cultural validity of the theory of basic human values with a different method of measurement. *Journal of cross-cultural psychology*, 32, 519-542.
- Singer, J. D., & Willet, J. B. (2003). A framework for investigating change over time. *Applied longitudinal data analysis: Modeling change and event occurrence*, 315, 115 – 139.

- Skivington, K., Vojt, G., Thomson, H., Fenton, C., Campbell, M., & Sweeting, H. (2016). Systematic literature review of interventions to improve Health, Happiness and Wellbeing in the Transition from Adolescence to Adulthood. *MRC/CSO Social and Public Health Sciences Unit*, 1 -13.
- Spurk, D., Abele, A. E., & Volmer, J. (2011). The Career Satisfaction Scale: Longitudinal measurement invariance and latent growth analysis. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 84, 315-326.
- Vecchione, M., Schwartz, S., Alessandri, G., Döring, A. K., Castellani, V., & Caprara, M. G. (2016). Stability and change of basic personal values in early adulthood: An 8-year longitudinal study. *Journal of Research in Personality*, 63, 111-122.
- Verkasalo, M., Goodwin, R., & Bezmenova, I. (2006). Values following a major terrorist incident: Finnish adolescent and student values before and after September 11, 2001. *Journal of Applied Social Psychology*, 36, 144-160.
- Weinstock, M., Ganayiem, M., Igbaryia, R., Manago, A. M., & Greenfield, P. M. (2015). Societal change and values in Arab communities in Israel: Intergenerational and rural–urban comparisons. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 46, 19-38.
- Williams Jr, R. M. (1979). Change and stability in values and value systems: A sociological perspective. In M Rokeach (Ed.); *Understanding human values* (pp. 13-55). New York: Free Press

APÊNDICE

Tabela. Delta qui-quadrado da comparação dos modelos da LGC

	1 vs. 2	1 vs. 3	2 vs. 3
Subfunções	$\Delta \chi^2$	$\Delta \chi^2$	$\Delta \chi^2$
Normativa	6,553(4)	5,855(2)	0,698(2)
Interativa	0,519(4)	0,088(2)	0,431(2)
Existência	3,539(4)	2,708(2)	0,831(2)
Suprapessoal	10,199(4)	0,034(2)	10,155(2)
Experimentação	0,724(4)	4,772(2)	4,048(2)
Realização	3,106(4)	7,421(2)	4,315(2)

Nota: Todos os resultado apresentaram $p < 0,001$

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) colaborador(a),

Estamos realizando uma pesquisa na Universidade Federal da Paraíba com o propósito de conhecer comportamentos e atitudes associados com questões ambientais. Neste sentido, para efetivação do estudo gostaríamos de contar com sua colaboração respondendo este questionário.

Por favor, leia atentamente as instruções deste caderno e marque a resposta que mais se aproxima com o que você pensa e/ou faz, sem deixar qualquer das questões em branco.

Para que você possa respondê-lo com a máxima sinceridade e liberdade, queremos lhe garantir o caráter anônimo e confidencial de todas as suas respostas. Você também pode abandonar o estudo a qualquer momento sem qualquer tipo de prejuízo. Contudo, antes de prosseguir, de acordo com o disposto nas resoluções 196/96 e 251/97 do Conselho Nacional de Saúde, faz-se necessário documentar seu consentimento.

Por fim, estamos a sua inteira disposição no endereço acima para esclarecer qualquer dúvida que necessite.

Desde já, agradecemos sua colaboração.



Termo de Consentimento

Assinando este termo, estou concordando em participar do estudo acima mencionado, sob a coordenação do Prof. Dr. Valdiney V. Gouveia, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, estando ciente de que os dados fornecidos poderão ser utilizados para fins científico-acadêmicos.

João Pessoa, ____ de _____ de 201__.

Assinatura do participante

CURSO: _____

MATRÍCULA: _____

E-mail: _____

ESCALA DE ATITUDES AMBIENTAIS

INSTRUÇÕES. Você encontrará a seguir uma série de afirmações relativas às questões sociais e ambientais. Por favor, leia cada uma das afirmações e circule a opção que melhor expressa **seu nível de acordo ou desacordo**, conforme a escala abaixo.

1	2	3	4	5	6	7
Discordo totalmente	Discordo	Discordo um pouco	Nem concordo nem discordo	Concordo um pouco	Concordo	Concordo totalmente
01. A natureza é valiosa por ela mesma.	1	2	3	4	5	6 7
02. Sou contra os governos controlando e regulamentando a forma como as matérias primas são utilizadas no intuito de fazê-las durar mais.	1	2	3	4	5	6 7
03. Eu acho que passar o tempo em contato com a natureza é muito cansativo.	1	2	3	4	5	6 7
04. Não acredito que poderia ajudar a arrecadar fundos para a proteção ambiental.	1	2	3	4	5	6 7
05. Não acredito que o meio ambiente venha sendo severamente maltratado pelos seres humanos.	1	2	3	4	5	6 7
06. Deveria haver um controle das indústrias a fim de proteger o meio ambiente da poluição, mesmo que isso signifique o aumento dos preços.	1	2	3	4	5	6 7
07. Quando os seres humanos interferem na natureza isso frequentemente produz consequências desastrosas.	1	2	3	4	5	6 7
08. Gostaria de ser membro e participar ativamente de um grupo ambientalista.	1	2	3	4	5	6 7
09. Em minha vida diária, eu simplesmente não estou interessado em tentar conservar água e/ou energia.	1	2	3	4	5	6 7
10. Eu gosto muito de viajar para áreas afastadas das grandes cidades, como, por exemplo, para florestas ou campos.	1	2	3	4	5	6 7
11. Sempre que possível, tento preservar os recursos naturais.	1	2	3	4	5	6 7
12. Entristece-me ver florestas desmatadas para a agricultura.	1	2	3	4	5	6 7
13. Eu acho mais interessante ir a um shopping center do que a uma floresta, para olhar árvores e pássaros.	1	2	3	4	5	6 7
14. A idéia de que a natureza é valiosa por ela mesma é ingênua e errada.	1	2	3	4	5	6 7
15. Estar em contato direto com a natureza é para mim um grande redutor de estresse.	1	2	3	4	5	6 7
16. A proteção do meio ambiente custa muito dinheiro. Estou disposto a ajudar numa campanha de arrecadação de fundos.	1	2	3	4	5	6 7
17. Não sou o tipo de pessoa que faz esforços para conservar os recursos naturais.	1	2	3	4	5	6 7
18. Os governos deveriam controlar a quantidade de matérias-primas utilizadas para garantir que possam durar o maior tempo possível.	1	2	3	4	5	6 7
19. Caso reduza preços e custos, as indústrias deveriam utilizar nova matéria prima ao invés de materiais reciclados, mesmo que isto signifique o esgotamento da matéria-prima.	1	2	3	4	5	6 7
20. Não fico triste ao ver ambientes naturais destruídos.	1	2	3	4	5	6 7
21. A idéia de que o equilíbrio da natureza é muito delicado e pode ser perturbado facilmente é muito pessimista.	1	2	3	4	5	6 7
22. Não me envolveria em uma organização ambientalista.	1	2	3	4	5	6 7
23. Em minha vida diária, tento encontrar formas para reduzir o consumo de água e energia.	1	2	3	4	5	6 7
24. Os seres humanos estão maltratando severamente o meio ambiente.	1	2	3	4	5	6 7

ESCALA DE ALTRUÍSMO

INSTRUÇÕES. Por favor, leia com atenção cada uma das ações descritas abaixo e indique, na escala de resposta ao lado, com que frequência você já realizou estas ações.

AFIRMAÇÕES	Nunca	Uma vez	Mais de uma vez	Frequentemente	Muito frequentemente
01. Já ajudei a empurrar um carro enguiçado (quebrado) de um estranho.	0	1	2	3	4
02. Já dei direções ou orientações a um estranho.	0	1	2	3	4
03. Já troquei dinheiro para um estranho.	0	1	2	3	4
04. Já dei dinheiro para uma organização de caridade.	0	1	2	3	4
05. Já dei dinheiro para um estranho necessitado (ou que me pediu).	0	1	2	3	4
06. Já doe bens ou roupas para uma organização de caridade.	0	1	2	3	4
07. Já trabalhei como voluntário para uma organização de caridade.	0	1	2	3	4
08. Já doe sangue.	0	1	2	3	4
09. Já ajudei a carregar os pertences de um estranho (livros, sacolas, etc.).	0	1	2	3	4
10. Já segurei um elevador e mantive a porta aberta para que um estranho pudesse entrar.	0	1	2	3	4
11. Já deixei alguém passar na minha frente em uma fila (na fotocopiadora ou no supermercado, por exemplo).	0	1	2	3	4
12. Já dei carona a um estranho no meu carro (dos meus pais ou amigos).	0	1	2	3	4
13. Já mostrei a um balconista (por exemplo, no supermercado, na lanchonete) seu erro por ter me cobrado menos do que eu deveria pagar.	0	1	2	3	4
14. Já deixei um vizinho, que não conheço muito bem, pegar emprestado de mim algo de valor (por exemplo, ferramentas, eletrodomésticos).	0	1	2	3	4
15. Já comprei cartões natalinos de organizações de caridade só por saber que se tratava de uma boa causa.	0	1	2	3	4
16. Já ajudei um(a) colega de classe, que não conheço muito bem, com um trabalho da faculdade quando meu conhecimento era maior que o dele(a).	0	1	2	3	4
17. Já fui solicitado, voluntariamente, para tomar conta de animais de estimação ou crianças do vizinho sem receber qualquer pagamento em troca.	0	1	2	3	4
18. Já ofereci ajuda a um deficiente ou idoso desconhecido para atravessar a rua.	0	1	2	3	4
19. Já ofereci meu assento no ônibus para um desconhecido que estava de pé.	0	1	2	3	4
20. Já ajudei um conhecido a mudar de casa.	0	1	2	3	4

QUESTIONÁRIO DE VALORES BÁSICOS

INSTRUÇÕES. Por favor, leia atentamente a lista de valores descritos a seguir, considerando seu conteúdo. Utilizando a escala de resposta abaixo, indique com um número no espaço ao lado de cada valor o grau de importância que este tem como um **princípio que guia sua vida.**

1	2	3	4	5	6	7
Totalmente não importante	Não importante	Pouco importante	Mais ou menos importante	Importante	Muito importante	Totalmente importante

01. ____ **APOIO SOCIAL.** Obter ajuda quando a necessite; sentir que não está só no mundo.
02. ____ **ÊXITO.** Obter o que se propõe; ser eficiente em tudo que faz.
03. ____ **SEXUALIDADE.** Ter relações sexuais; obter prazer sexual.
04. ____ **CONHECIMENTO.** Procurar notícias atualizadas sobre assuntos pouco conhecidos; tentar descobrir coisas novas sobre o mundo.
05. ____ **EMOÇÃO.** Desfrutar desafiando o perigo; buscar aventuras.
06. ____ **PODER.** Ter poder para influenciar os outros e controlar decisões; ser o chefe de uma equipe.
07. ____ **AFETIVIDADE.** Ter uma relação de afeto profunda e duradoura; ter alguém para compartilhar seus êxitos e fracassos.
08. ____ **RELIGIOSIDADE.** Crer em Deus como o salvador da humanidade; cumprir a vontade de Deus.
09. ____ **SAÚDE.** Preocupar-se com sua saúde antes de ficar doente; não estar enfermo.
10. ____ **PRAZER.** Desfrutar da vida; satisfazer todos os seus desejos.
11. ____ **PRESTÍGIO.** Saber que muita gente lhe conhece e admira; quando velho receber uma homenagem por suas contribuições.
12. ____ **OBEDIÊNCIA.** Cumprir seus deveres e obrigações do dia a dia; respeitar aos seus pais e aos mais velhos.
13. ____ **ESTABILIDADE PESSOAL.** Ter certeza de que amanhã terá tudo o que tem hoje; ter uma vida organizada e planejada.
14. ____ **CONVIVÊNCIA.** Conviver diariamente com os vizinhos; fazer parte de algum grupo, como: social e esportivo.
15. ____ **BELEZA.** Ser capaz de apreciar o melhor da arte, música e literatura; ir a museus ou exposições onde possa ver coisas belas.
16. ____ **TRADIÇÃO.** Seguir as normas sociais do seu país; respeitar as tradições da sua sociedade.
17. ____ **SOBREVIVÊNCIA.** Ter água, comida e poder dormir bem todos os dias; viver em um lugar com abundância de alimentos.
18. ____ **MATURIDADE.** Sentir que conseguiu alcançar seus objetivos na vida; desenvolver todas as suas capacidades.

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES. Finalmente, procuramos a seguir conhecer um pouco mais acerca dos participantes deste estudo. Lembrando, não é nosso propósito particularizar as respostas, mas saber, no geral, quem são aqueles que responderam nossos questionários. Neste sentido, por favor, responda as perguntas a seguir.

01. Idade: _____ anos

02. Sexo: ☐ Masculino

☐ Feminino

03. Qual a escolaridade do seu pai: _____
da sua mãe: _____

04. Atualmente, você está trabalhando: ☐ Sim ☐ Não

05. Em comparação com as pessoas de sua cidade, você diria que sua família é da (**circule**):

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Classe baixa			Classe Média				Classe alta		

06. Quantos dos itens listados abaixo têm na sua casa?

Televisão em cores	0	1	2	3	4 ou mais
Rádio	0	1	2	3	4 ou mais
Banheiro	0	1	2	3	4 ou mais
Automóvel	0	1	2	3	4 ou mais
Empregada mensalista	0	1	2	3	4 ou mais
Máquina de lavar	0	1	2	3	4 ou mais
Videocassete e/ou DVD	0	1	2	3	4 ou mais
Geladeira	0	1	2	3	4 ou mais
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)	0	1	2	3	4 ou mais

07. Você se considera um(a) estudante (**circule**):

Péssimo 0 1 2 3 4 Ótimo

08. Quantas horas por dia, comumente, você costuma dedicar aos estudos, excetuando o tempo de sala de aula? Dedico _____ horas por dia.

09. Você já foi reprovado(a) alguma vez na sua vida?

☐ Não

☐ Sim. Quantas vezes? _____. Em qual(is) disciplina(s)?

10. Você ingressou na Universidade na primeira vez que fez vestibular?

☐ Sim

☐ Não. Quantas vezes tentou o ingresso? _____ vezes.

11. Por qual meio você ingressou neste curso?

☐ Vestibular Regular (PSS)

☐ Cotas

☐ Sistema de Seleção unificado

☐ Reopção (curso ou turno)

☐ Processo Seletivo de Transferência Voluntária

12. O curso no qual ingressou foi o primeiro que pensou em fazer?

☐ Sim ☐ Não. Qual foi o outro curso pensado?

13. Você pensa que concluirá o curso que está fazendo na atualidade? ☐ Sim ☐ Não

14. Já buscou informações sobre as possibilidades que seu curso oferece? ☐ Sim ☐ Não

15. Caso você esteja interessado(a) em participar de um grupo de voluntários para promover e realizar atividades de cuidado ambiental nas dependências da Universidade Federal da Paraíba, por favor, deixe seu e-mail/telefone e um nome ou apelido para contato. Manteremos tais informações em sigilo.

E-mail/Telefone: _____

Nome: _____